Cinearte

ANNO III N. 147
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 19 DE DEZEMBRO DE 1928
Preço para todo o Brasil 1$000

QWEN LEE

...e quando já estava 'promptinha' para o baile, dôr de dentes! —

Adeus sonhada noite de alegria! Alguem, entretanto, lembrou-se da* CAFIASPIRINA. *Dois comprimidos, um copo com agua, cinco minutos, e... alliviada por completo!

Desde então, afim de que nenhuma dôr possa roubar-lhe as suas horas de alegria, tem ella sempre á mão um tubo da preciosa

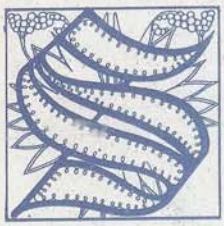
CAFIASPIRINA

O mais seguro que existe contra as dores de cabeça, dentes e ouvido; nevralgias, enxaquecas, cólicas menstruaes; consequencias de tresnoitadas, excessos alcoolicos, etc.

Allivia rapidamente, restaura as forças e não affecta o coração nem os rins.

BAYER

NORMA TALMADGE



E o progresso material do commercio cinematographico representado como fizemos sentir em outra chronica por essas centenas de excellentes predios que se está construindo pelo Brasil a fóra exclusivamente destinados á exhibição de films, attingisse a mentalidade dos que se dedicam a esse ramo commercial o Cinema venceria ainda mais facil e galhardamente do que está acontecendo.

O que acontece porém, não é, infelizmente, isso, muito antes pelo contrario. O luxo das installações materiaes não é correspondido por uma melhoria nos habitos, nos usos, nos costumes, nos processos que se mantém irreductivelmente rotineiros, injustificadamente provincianos.

E não é só com relação ao pessoal de casa que isso acontece mas até mesmo com o que nos vem de fóra.

Exceptuem-se alguns cavalheiros como John Day, Brock, Szekler, Baez, para não citar outros e o que apparece, o que é exportado para o Brasil, parece o rebutalho, a escumalha dos escriptorios das emprezas em New York.

Ignorantes, presumidos, grosseiros, julgando isto aqui uma grande aldeia de cegos onde vêm reinar, tornam-se insupportaveis elementos, ao fim de pouco tempo, que nada mais fazem do que alienar da empresa que representam todas as sympathias, tornando-se por essa forma prejudiciaes aos interesses que para aqui vieram defender. Temos tido varias vezes contacto com alguns exemplares dessa curiosa fauna.

E logo nos vem o intenso desejo de que o acaso por outra vez delles não nos aproxime.

O representante de uma empresa cinematographica carecê possuir, além de tino commercial, qualidades de gentleman, tacto diplomatico, visão dos negocios e conhecimento do meio.

Se falham as requeridas qualidades quem no fim de contas vem a soffrer é a confiante empresa que tão importante missão entregou a inesperto delegado. Vir para o Rio e começar logo por tomar parte na "roda dos mexericos" convertendo-se em um dos seus mais solidos esteios; praticar a politica tacanha e estreita dos conluios, dos arranjinhos, das combinações malfazejas; ao envez de buscar vencer em campo aberto, urdir tramas e emboscadas; preferir prejudicar o concurrente a exaltar o seu proprio producto, tudo isso é a clara revelação, de uma absoluta inferioridade mental, de uma apoucadissima intelligencia.

E' isso o que se dá commummente. D'ahi as substituições frequentes que se dão na representação de certas empresas norte-americanas no Brasil, substituições que redundam afinal em prejuizo certo porque cada novo administrador traz uma orientação, um programma e começa sempre, para se recommendar, por destruir tudo quanto fez, quanto realizou o seu antecessor.

Empresas como a Paramount, a Universal v. g. que mantém por largos annos á testa dos seus negocios os mesmos administradores, revelam a estabilidade dos seus negocios.

A instabilidade que se nota nos negocios de outras deve-se exclusivamente á desazada escolha dos representantes que para aqui têm mandado. Muita vez torna-se inexplicavel para o publico o motivo porque os films de umas tantas marcas de renome soffrem crises periodicas de exhibição nos Cinemas de uma grande cidade, como nas linhas dos Cinemas de um Estado.

Tudo se explica entretanto, pela orientação má ou antes completa desorientação nos negocios da Agencia locadora que aliena sympathias e clientela já com descabidas exigencias, já com a falta até de comesinha urbanidade no trato com os seus freguezes.

O individuo alheio aos nossos usos, habitos commerciaes etc., que aqui chegando em vez de se adaptar ao meio procura amoldar este aos seus processos é o peor inimigo dos que ingenuamente lhe confiaram a tarefa de os representar no Brasil. E é isso infelizmente o que frequentes vezes acontece. O empresario do Cinema hoje em dia, tendo muito onde escolher, não se entrega de olhos fechados aos representantes das marcas productoras. Discute e acaba escolhendo o que de melhor lhe convém.

E' por esse motivo que certas marcas não conseguiram até hoje introduzir-se em determinadas regiões do paiz.

Si levando em linha de conta a progressiva, crescente importancia do nosso paiz como mercado consumidor, as empresas productoras enviassem ao Brasil de vez em vez inspectores fiscaes competentes para avaliar do modo porque são aqui geridos os seus interesses, não resta duvida que muito empavonado bonifrate que ainda representa essas empresas teria de deixar precipitadamente essa representação. E todos teriam a lucrar com isso, as empresas, os proprietarios de Cinemas e por fim o publico.

AUDREY FERRIS...

CINEMA BRASILEIRO

(DE PEDRO LIMA)

IRENE RUDNER, DO "DESCRENTE" E' AGORA A ESTRELLA DO "TRIANGULO DA MORTE"

Uma semana na cidade onde os homens andam apressados, e os automoveis são vagarosos... S. Paulo, "metropolis" que não é da Ufa, não tem Brigitte Helm, tem Lelita Rosa...

Terra dos bandeirantes, fonte do movimento de nacionalismo... ruas com nomes indigenas, e na placa de 15 de Novembro, um sub-titulo: 1889 Proclamação da Republica...

S. Paulo, annuncios luminosos e sem luzes, braza dormida... do nosso Cinema.

Ruas que se succedem como em fusões, rapidas, atordoantes, confusas... e de tudo, surpresas, sensações inesperadas, films que se fazem em silencio, na ignorancia da publicidade e tambem daquelles que não querem apparecer porque não podem ser expostos á avidez da curiosidade que examina; mas de surpresa.

Os primeiros são muitos, destes ultimos uns dois ou tres.

Assim são as novidades de S. Paulo. Dois films apenas figuravam na nossa lista este anno. Dois apenas, já terminados: "Morphina" e "Orgulho da Mocidade", e nenhum em confecção. Nunca um anno tão pobre de realizações, apparentemente...

Na realidade, S. Paulo ainda produz dois films mais, não dois "Crimes da Mala", mas varias producções que promettem, ou pelo menos são tentativas limpas, sem torpezas de qualquer especie, sem explorar themas tão pouco demonstrativos de falta de escrupulos e de idoneidade moral.

Falemos primeiro destes, que assim como as escolas, precisam ser varridos da face do nosso Cinema, que tingem como uma falsa tinta bem pouco recommendavel.

Foram dois os trabalhos apresentados sobre o decalque de tão barbaro crime, valendo-se do escandalo como elemento de successo e sem outro qualquer intuito senão fazer dinheiro.

Um delles, "O Crime da Mala" da Mundial Film, realizado sob a direcção de Francisco Madrigrano, é o que tem mais preoccupação de Cinema e porque não dizer, de criterio na confecção. Seria mesmo um film passavel se não fôra o thema tão sordido, tão repugnante, tão pouco recommendavel. Se não fosse o film baseado num assumpto destes, tão torpe, ainda poderiamos recommendar o trabalho. Tem pelo menos um bom desempenho de Aldo Lins que já appareceu no "O Descrente", e uma photographia acceitavel do opperador Campos. Mesmo os apanhados naturaes de Victor del Picchia são melhores do que os photographados por elle proprio para o da Iris Film. Mesmo assim, não deve ser visto, e a policia fez bem em apprehendel-o, a pedido do criminoso, segundo affirmam, que quer cobrar direitos de... reproducção.

O outro crime, o da Iris Film, não merece qualificativos. Faz pensar de pena e de tristeza. Mostra até onde a ganancia de lucros poderia levar elementos de certo destaque na nossa filmagem. Não falamos de Alvim & Freitas, que começaram em "Vicio e Belleza", cheios de promessas. J. Freitas, Sob. mesmo, um dos socios, chegou a merecer toda a nossa esperança. Ainda quando se locupletava com o lucro da sua primeira tentativa e abandonava o Cinema, promettia voltar para uma luta sincera, fazendo films de arte e de moral, quando uma noite fomos procural-o no Hotel Central, no Rio. Nunca pensamos que tornasse desta forma...

Seria melhor permanecer afastado, porque assim ninguem o supporia mais do que um dos muitos que fraquejam na peleja. Seria melhor...

Tambem Antonio Sorrentino, aquelle heróe tão sympathico de "Hei de Vencer!" como tem cahido... E dizer-se que elle já foi uma esperança, uma figura que tanto promettia.

PEDRO LIMA, DE "CINEARTE", NO ESCRIPTORIO DA KOSMOS, COM FRANCISCO MADRIGANO E LELA NEY, QUE VAE FIGURAR N'"A ESCRAVA ISAURA".

De todos, porém, Antonio Tibiriçá é quem constitue a nossa maior decepção.

De qualquer forma, elle sempre foi um lutador, um esforçado. A elle devemos a realisação de varios films. "A Joia Maldita" foi o primeiro, feito em 1918 e no qual trabalhou com o nome de Paulo Sulis. Este film só agora foi que assistimos no Studio da Helios, por signal que nelle podemos ver o nosso primeiro trabalho em films, no tempo em que tambem eramos "fans". Tibiriçá cooperou em "Hei de Vencer!" innegavelmente um dos melhores films da época.

Mas este mesmo joven que parecia lutar por um ideal, se revela de uma forma brusca. Primeiro "Vicio e Belleza", que ainda tinha suas qualidades, agora "O Crime da Mala". Depois disso, não se pode, não se deve esperar mais nada. Vimos o film. E' revoltante, falho, monstruoso na technica e na realisação, o peor film que já vimos até hoje. Tibiriçá dirigiu-o. Tibiriçá nada entende de Cinema. Elle só sabe é amontoar scenas immundas, immoraes, para com isso procurar impressionar o publico de baixos instinctos. E no emtanto, Tibiriçá é um nome conceituado em S. Paulo. E' alguem que devia medir a sua responsabilidade...

Como o outro, tambem este film teve sua carreira sustida pela policia, e pelo mesmo motivo. Sabemos que houve um accordo entre a Iris e a Mundial para conseguirem a sua exhibição, e que entre elles se estabeleceu uma especie de sociedade, que segundo ouvimos fôra tentada antes, sorrateiramente, tentando subornar um elemento da Mundial, afim de pelo menos atrazar a sua confecção. Mas nisso não queremos tocar. E' mais revoltante do que o proprio "Crime da Mala"...

E dizer-se que as "Empresas Reunidas" estavam distribuindo este film! E dizer-se que as Empresas Reunidas prejudicaram a exhibição de bons films brasileiros como "Quando Ellas Querem", "Dever de Amar" e "Esposa do Solteiro", films limpos, moraes, que só poderiam cooperar pela Industria do Cinema Brasileiro.

Temos fé que a Policia de S. Paulo mantenha os films sob a sua guarda, já que não póde dar um correctivo aos seus productores, como faz áquelles que infligem as leis da sociedade e da moral... Estes films, vi-os logo no primeiro dia, para que a pessima impressão se dissipasse depois. Como succedeu. Entre os films promettidos, está "Busto de Bronze", a ser iniciado por Euloquio Silva no anno que vem. Assistimos tambem "Orgulho da Mocidade" da A. C. A. Film. Este foi iniciado em Agosto de 1925, com o titulo de "Caminho do Destino". Só agora terminou, depois de ter refilmadas innumeras scenas, modificadas outras e ainda algumas feitas inteiramente de novo. Não é uma super-producção como faz prever o tempo gasto na sua confecção, mais é sem duvida um grande esforço, realisado com muita perseverança, muita força de vontade. E' um film sobre as pragas das escolas de Cinema. A idéa, bem aproveitada seria uma satyra bem interessante, como se poderá imaginar sómente naquella scena do director estrangeiro, quando vae se offerecer para terminar o film. Domingos Cipulo é um bom typo como professor... Mario Marino um bom nome de Cinema e um rapaz esforçado. No elenco apparecem ainda Olga Nary e sua irmã Carmen, Estella Dalva, Dino Trolesi, Francisco Madrigrano, Ismael Lopes, Amadeu Bellucci, João Raymundo e José Pedro, que foi quem começou dirigindo.

Mas Carmo Naccarato é o responsavel pela direcção do film, si bem que Antonio Caldas o tenha terminado e Antonio Rolando feito a scena em que Mario Marino pula da ponte em baixo.

Conforme falamos no numero passado, deixamos nossos commentarios sobre "O Transito" e "Odio Applacado" para este numero.

O primeiro não vimos, mas José Pedro nos cedeu varias photographias ampliadas de scenas já promptas do film. Estivemos em sua casa onde nos apresentou dois dos seus artistas: José Gallini e Braz Mezzacapo.

Esta producção foi resolvida depois que José Pedro sahiu da S. Paulo Ideal Film. Reuniram-se a elle varios ex-alumnos e cada qual contribuindo mensalmente com uma quota qualquer iniciaram o film. Assim é que deviam fazer antes. Os demais interpretes são Pedro, Iré, Maria, Moysés, Mair Cohen que já uma vez nos visitára no Rio, sem querer dizer-nos o nome e sem que nós entendessemos o que elle queria, e Catharina Puntso do "Descrente".

"Odio Applacado", é um film da secção de propaganda da S. Paulo Ideal Film.

Manoel Bosia depois que verificou a razão de nossa campanha contra a sua escola, resolveu

(*Termina no fim do numero*)

LOLA MORENA
ESTRELLA DE "ODIO APPLACADO", DA S. PAULO IDEAL FILM.

ARMANDA LEILOP E' O QUE SE APROVEITA NO "CRIME DA MALA", DA IRIS-FILM.

BRAZ MEZZA E JOSE' GALLINI NUMA SCENA D'"O TRANSITO".

PERGUNTA-ME OUTRA...

LILY (S. Paulo) — A demora de "Barro" não significa que a Benedetti esteja caprichando. Apenas falta de tempo. E' um film todo composto de amadores, todos, muito occupados.

R. DALTO (Rio) — Greta Garbo. Você sabe que ella já trabalhou numa barbearia na Suecia. Ella ensaboava o rosto dos freguezes. Se ella viesse ao Brasil trabalhar numa barbearia, o Gilette não venderia nem mais uma lamina.

GLORINHA (S. Paulo) — Não se sabe, ao certo. Ronald é, sim.

RUMENO (Rio) — Charles Chaplin Studio, La Brea Ave, Hollywood, Cal. Refere-se a Marion Davies que aliás chega a apparecer até sem mascara. Norma Shearer é a do automovel.

CONSUELO (Curityba) — Mas é verdade, acredite. Obrigado pelas felicitações. Si soubesse das outras descobertas minhas! Minha amiguinha, eu desejava satisfazer o seu pedido, mas eu sei que isso constitue sempre uma decepção. Vamos que eu me chame Antonio Manoel de Souza, vulgo Zé da Burra? Emfim, como você tem sido tão minha amiguinha, que eu algum dia direi.

METROPOLIS — Obrigado. Assim, pela ordem, não me lembro. Aquella do quadro é Marion Davies. A do automovel, Norma Shearer.

RAQUEL TORRES E RAQUEL TORRES

MAIS RAQUEL TORRES

GEE (Santos) — Sciente e obrigado pelas informações.

PINGO D'AGUA (Minas) Não, não é ella não. Fay tinha apenas um corpo muito bonito para ganhar concurso de banhistas em Atlantic City.

ET SEMPER — Mas é que no Cinema o verdadeiro artista é o director. 1°) Está afastada, mas experimente o Studio da Paramount. 2°) Está trabalhando sob a direcção de Stroheim. 3°) Não ha razão para tal.

CARMEN (Rio) — Calma, a sua carta requer algumas investigações e por isso a resposta demora mais um pouco. Sim, estou cheio de correspondencia e não tenho muito tempo.

ARMANDO (Carasinho) — O trabalho dos pés é verdadeiro, mas elles não são de Lon Chaney. Naturalmente, trata-se de um truc. O film é da M. G. M.

P. L. (Caco) — Aos cuidados desta redacção.

ED. NOVARRO (Recife) — Obrigado. Vou lhe pedir uma entrevista com Norma Shearer. O film citado já passou e a critica já estará no proximo numero se não estiver neste.

MANOEL (Rio) — Peço desculpas por não usar o seu pseudonymo. Greta Garbo, John Gilbert e William Haines, M. G. M., Culver City, Cal. Laura La Plante, Universal City, L. A., Cal. Billie Dove, First National Studio, Burbank, Cal. Só respondo até cinco perguntas.

ARACEHY (Bahia) — Sim, é brasileiro. Octavio só poderá entrevistal-a pelo coração. Sim, acho. A capa já sahiu...

BILLIE (Rio) — Sim, na verdade, dizem as más linguas, elle está entre Claire Windsor e Mary Brian, mas a primeiro vencerá. Não posso saber a qual se refere. Neste film fizeram varias bellezas!

GERBERTO (S. Roque) — Mas nós não costumamos enviar photographias.

De Lia para Você...

OBRIGADO,
NANA!
NÓS TODOS
ESPERAMOS
QUE VOCÊ
TAMBEM
SEJA MUITO
FELIZ E APPAREÇA
EM FITAS
TÃO LINDAS
COMO VOCÊ!

Marinheiros

A cidade de São Francisco parece estar em vespera de festa. Ha gente dispersa, em grupos, pelas esquinas, e nota-se nos transeuntes um ar de alvorotada surpresa. Raparigas brejeiras passam em direcção ao porto. O pessoal do "Roseland", todo enfatiotado de "grande gala", prepara-se para as noitadas de farta alegria.

— Os marinheiros não tardam a desembarcar!, exclama um dos empregados do "cabaret", estirando o pescoço para os lados do porto.

Ahi está a explicação de todo o alvoroço. A esquadra do Pacifico, surta no porto, vae deitar a maruja em terra para algumas horas de férias. E marinheiro em terra é sempre signal de muita alegria, dansas, corridas, brigas, prisões.

São Francisco, toda alvorotada, prepara-se para receber os valentes homens do mar.

E' a hora da revista a bordo do navio capitanea, o "Nebraska", cujos filões de marujos, em fórma, recebem as ultimas instrucções.

— A licença de desembarque terminará á meia-noite! O marinheiro que passar da hora, quando chegar a bordo irá para os ferros, diz o official de dia, homem temido por todos pela rigidez do seu trato.

E depois vem a ordem de desembarque.

Escaleres cheios, arreados ao mar, rumam para terra, em algazarra tremenda, fervilhando de rapazes. E' a primeira leva.

A bordo falam dois tripulantes do "Nebraska", cuja conversa nos interessa:

— Só queria ter tempo e dinheiro á bessa para gastar com as pequenas, diz Alfred ao seu amigo Almiro (James Hall), em torno do qual gira a nossa historia.

— Faça como eu, "sêo" bôbo! Em cada porto que chego as pequenas só me chamam de Almir... ante — porque as trago sempre de mira!

Isto diz Almiro ao companheiro já a caminho para o bote que deve leval-os á praia. E em pouco está a cidade coalhada de marinheiros.

O "Roseland", arco, regorgita de gente. Clarisse (Clara Bow), uma das dansarinas do cabaret, é a preferida dos marujos. Não ha mãos a medir; acabada uma dansa começa outra. A's voltas com o "Holophote", um marinheiro do "Vermont", vae Clarisse a ondular pela sala, quando a descobre o olhar vigilante do Almiro, Hum!... Ali está a pequena que me serve!, faz o marujo janota a preparar-se para um "rag-time com ella.

(Ora, Clarisse já o conhece. Com elle tivera forte discussão, na hora do desembarque, por causa das "apresentações" por demais liberaes do marujo, e portanto, ao vel-o na sala, faz que não o vê).

E quando a dansa termina, antes que o "Holophote" possa obter o consentimento de Clarisse para uma segunda partida, apresenta-se Almiro, e, com o "sim" ou sem elle, sae a rodopiar com a dansarina mais bella da casa.

Dansam... E ao revolver dos pares, bem ao ouvido de Clarisse, vae Almiro desandando o seu rosario de elogios. A pequena, porém, faz pouco caso do palavreado do galante e segue dansando.

Chega a hora do concurso que o "Roseland" estabelecia com premios aos vencedores. Clarisse e Almiro seguem dansando. Terminada a valsa, salva unicamente pela pericia de Clarisse, recebe ella o premio — uma rica taça de prata. Almiro, entretanto, muito convencido, diz á sua dama:

— Depois desta minha victoria só me resta um novo prazer, e vou leval-a á casa...

— Acompanhar-me á casa? Isso mesmo é que não!, diz Clarisse a rebater as intenções do marujo.

Mas o Almiro não se deixa dominar pelas recusas da rapariga, e terminado o baile, seguem os dois a caminho da casa de Clarisse. Lá, reprehendida pela mãe, com quem móra, por trazer visitas a taes horas, é o nosso marujo mandado para bordo, não sem ter provado um dos assucarados beijinhos de Clarisse.

No dia seguinte, á hora do costume, ha nova funcção dansante no "Roseland", e Clarisse, como empregada do "cabaret", lá está á disposição dos pares alegres que enchem a casa. Almiro, já senhor de uma fracção do consentimento da garota, com ella dansa e redansa, passando e repassando deante do grupo onde, furibundo e louco de desejo por tomar vingança, se encontra o "Holophote" para quem de todas as pequenas do "Roseland", só Clarisse vale a pena de um olhar demorado.

E vae daqui, vae dali, avança o marujo contra o outro. Fecha-se o tempo, como se costuma dizer. Passada a refrega, o que só se effectua com o auxilio da policia, ha marujos de cabeça rachada, marujos de olhos arroxeados, marujos de cara azunhada... Morto não ha, por felicidade, nenhum... Almiro e "Holophote", iniciadores da azarragata, são levados para a estação policial onde, no dia seguinte, prestarão os depoimentos necessarios. No outro dia, durante a formação da culpa dos dois mareantes, apparece Clarisse em pessoa, para dar tambem o seu depoimento. Notando que ha predisposição contra os rapazes, que são accusados de faltar com o respeito ás autoridades locaes e de tirarem proveito das empregadas do "cabaret", resolve Clarisse fazer em público a sua propria accusação, pois, assim fazendo, livral-os-á de uma sentença mais ou menos pesada, livrando ao mesmo tempo o Almiro por quem começa ella a sentir certos toques de amizade.

Ademais, sabe Clarisse que a flotilha de guerra está para largar ferro, e se Almiro não chegar a bordo á hora marcada, além da pena que lhe possa infligir a justiça de terra, maior será o castigo da severa justiça que se exerce a bordo.

Chega o momento em que o juiz correccional, ao passar a sentença, dá os conselhos da praxe aos rapazes. O primeiro a quem fala o magistrado é o nosso conhecido Almiro:

— Emquanto o senhor estiver cumprindo a sentença que lhe vou passar, deve lembrar-se de que as mocinhas decentes desta terra — ainda que humildes filhas do trabalho — são merecedoras do respeito de quem nos visita!

E' neste ponto que Clarisse implora ao juiz que a ouça. E chegando ao magistrado, diz-lhe ao ouvido qualquer cousa. O juiz perfila-se, autoritario, e ordena-lhe que se deixe de segredos, que diga o que tem a declarar em publico para que o annote o escrivão. E ella começa.

— Foi por minha causa, senhor juiz, que se deu todo o disturbio. A culpa é toda minha, por ter dado "corda" aos marujos! Somos nós, essas meninas de "cabaret", que o senhor juiz chama de "humildes filhas do trabalho", que causamos os barulhos desta ordem. E como a mãe de Clarisse, que se acha presente, se adeante para negar a accusação que a filha faz, vira-se a pequena para a velhota:

— De onde pensa a senhora que me vêm estes vestidos? Pensará que caem do céo por descuido? Eu já disse, "eu nada tenho de bôa!"

(Termina no fim do numero)

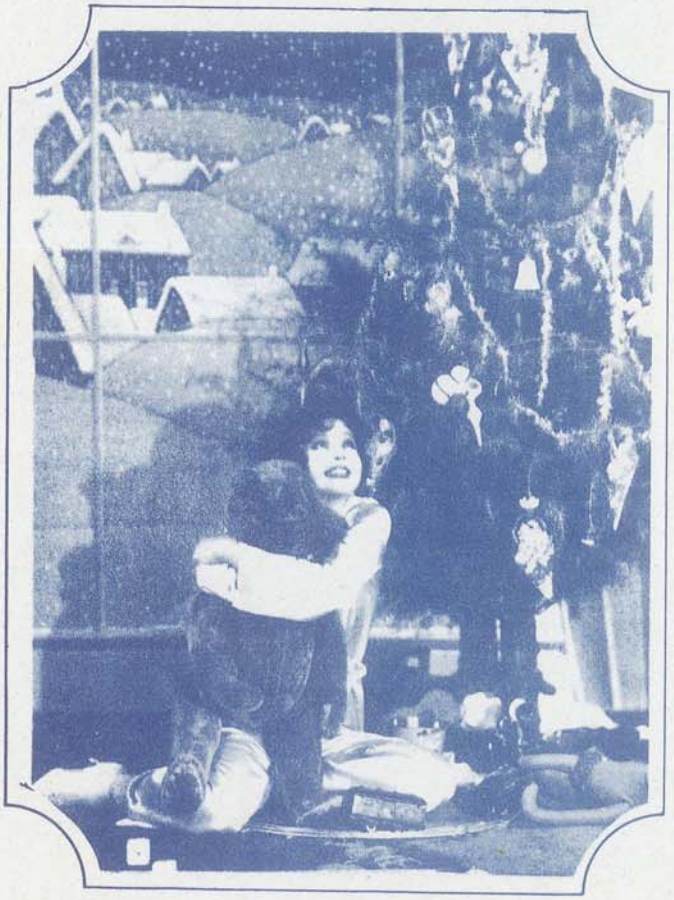
em terra

(THE FLEET'S IN)

FILM DA PARAMOUNT — DRECÇÃO DE MAL ST. CLAIR

Clarisse	Clara Bow
Almiro Br iggs	James Hall
"Holophote" Joe	Jack Oakie
A mãe de Clarisse	Bodil Rosing

O NATAL DE NANCY CARROL



Amizade Prohibida

CLAIRE, VOCÊ ME ENSINA TANTA COUSA!

BUDDY, VOCÊ TEM SIDO TÃO BOM PARA MIM!

Claire Windsor e Charles Buddy, Rogers já não são mais vistos juntos, o que não quer dizer que tenham deixado de estimar-se reciprocamente. Significa apenas que os reporters dos jornaes, chronistas de magazines, as pessoas que fazem seus os negocios dos seus amigos, e mesmo certas personalidades do Cinema têm assumpto para distrahir-se.

E' esta a terceira vez que Claire e Buddy apertam os freios nas rodas do seu romance, affirmando ambos que desta vez a cousa é definitiva.

"E a razão disso é por nos ter o publico transformado numa especie de modelos, de manequins, que exhibem vestidos novos ou recommendam a nova loção, attrahindo a multidão para junto das vitrines, curiosa de vêr como é que nós faziamos", declara Claire a uma jornalista.

"Os nossos gestos, os nossos actos, a nossa vida, emfim, não nos pertencia; era cousa publica. Não nos era possivel supportar tal situação por mais tempo, eis o facto".

Isso não impediu, todavia, que durante certo tempo, elles se sentissem perfeitamente contentes e felizes. "Eramos os melhores camaradas deste mundo e não imagina como nos divertiamos juntos", affrmou Claire.

Elles se conheceram no "set" quando Claire era ainda casada com Bert Lytell e occosionalmente, como são os conhecimentos travados dessa maneira. Seis mezes mais tarde quando Claire voltára a ser Miss em vez de Mrs. elles se encontraram de novo — casualmente numa festa em Hollywood. Buddy fôra escolhido para o film "Azas".

A sua commoção era extraordinaria! Um rapaz ainda tão criança como elle, a provar a sua primeira ameixa realmente magnifica do pudim da vida. Buddy falou a Claire do seu contentamento, do seu enthusiasmo, e Claire o comprehendeu, lembrando-se tambem da sua primeira grande producção. Ambos sentiram-se tomados de enthusiasmo pela victoria de Buddy, conquistando tão saborosa ameixa.

Descobriram, então, que ambos haviam conhecido o sol da existencia no Estado de Kansas-Oloethe e Kawker City, distantes uma da outra poucas milhas. Comparam as notas das suas primeiras viagens á cidade de Kansas e, viram, então, que em Hollywood viviam separados apenas por quatro quadras. Eran mesmo visinhos mais proximos ali do que no Kansas.

Claire falou a Buddy que elle morava com seus paes e um irmãozinho de dez annos. Buddy falou dos velhos amigos de familia em cuja casa elle estava morando, chegando-se finalmente á conclusão de que as duas familias se conheciam.

"Appareça lá em casa", convidou Claire. E dest'arte as visitas de Claire entraram nos habitos diarios de Buddy, habito tão regular como pentear o cabello e escovar os dentes.

A principio, as relações eram apenas á maneira de visinhos que por coincidencia exercem a mesma absorvente profissão do Cinema, assumpto interessantissimo, fonte inexgotavel de assumpto.

Buddy descobriu depois que Claire possuia um excellente piano, e Claire descobriu que Buddy era um excellente musico. E a seguir vieram livros novos a lêr, a escolha de papeis que lhes pareciam a calhar para o desempenho de um e de outro...

Começaram aos poucos a ir juntos ao Cinema. Claire ha dez annos trabalhava no Cinema; Buddy era um estreante. Claire estava em situação de dizer-lhe tanta cousa a respeito dos films...

Espalhou-se, então, a noticia de que Claire Windsor e Buddy Rogers eram inseparaveis, e d'ahi a insinuar-se o noivado delles foi um passo.

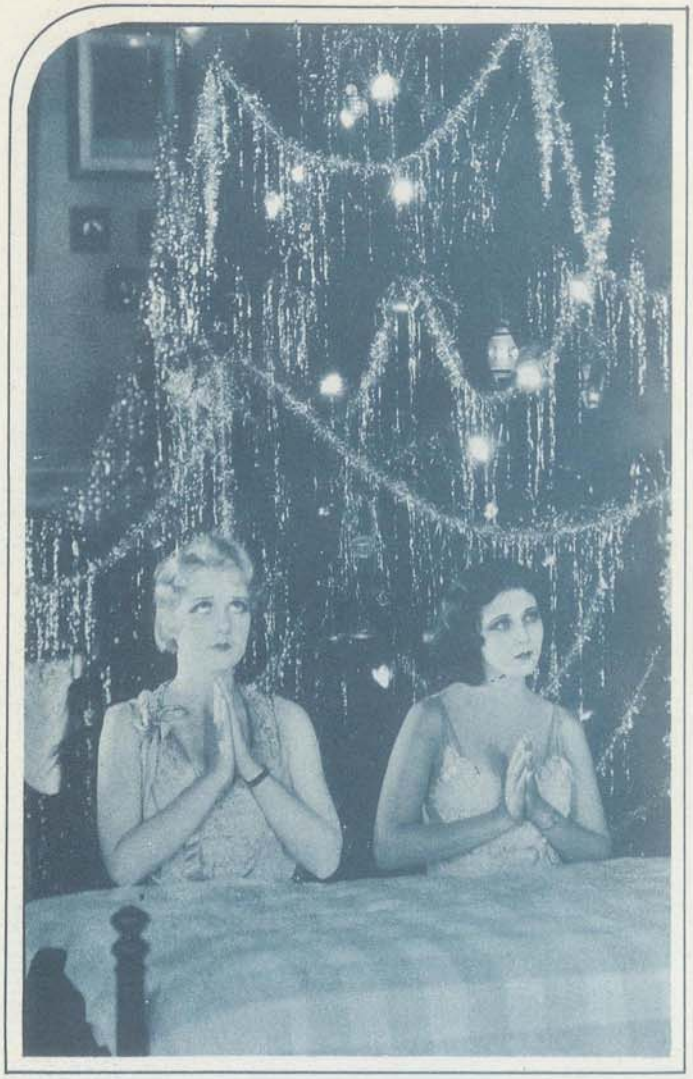
Ora, taes noticias nunca passam impunes em Hollywood, sejam quaes forem os nomes Crawford e Douglas Fairbanks Junior, Lina em causa — Clara Bow e Victor Fleming, Joan Basquette e Povy Morley, Virginia Valli e Charles Farrell, Marion Nixon e Ben Lyon, é sempre a mesma velha historia de Hollywood.

"Dizem que Claire Bow está apaixonada por Victor Fleming, mas que elle não quer casar-se com ella...

"Sabe você que Douglas Fairbanks pae está furioso com a historia do casamento de Douglas Junior com Joan Crawford?..."

"Não me dirá você porque diabo Lina Basquette foi arranjar um camera man, quando

(Termina no fim do numero)



Anita Page e Raquel Torres...

ANITA PAGE...

DE FOME

(LADY BE GOOD)

Film da First National

Jack	**Jack Mulhall**
Mary	**Dorothy Mackaill**
Murray	John Miljan
Madison	Nita Marton
Texas West	Dot Farley
Thelawney	James Finlayson
Dancerina	Joy Eaton
Dancerino	Eddie Clayton
Dansarina	Lola d'Avril

Jack e Mary faziam magicas para ganhar a vida. E a vida, em retribuição, tornára-se-lhes magica, revelando-lhes a deliciosa magia do amor. Jack era o conhecido "Mysterio", que tanto dava o que pensar aos curiosos espectadores dos "vaudevilles" em que tomava parte, e Mary, sua noiva, ajudava-o com a sua habilidade e o prestigio de sua belleza. Como todos os artistas desse genero, sonhava o joven par com um contracto para o Palace Theatre de New-York, que lhes apparecia como o auge da victoria e do successo. Haviam marcado o seu casamento para o dia em que realizassem esse tão sonhado desejo. Seria, assim, um dia duplamente grande, a realização de dois sonhos. Não sabiam elles ainda dosar a felicidade para melhor gosal-a e queriam embriagar-se de ventura. Ah! mocidade!...

Mas o verão é sempre uma má época para os artistas, e, resignados e esperançosos, atravessaram elles um periodo de inacção e falta de contractos, durante a calida estação. Voltando a New-York, nessa época desanimadora, foram Jack e Mary hospedar-se em uma theatralesca pensão, onde costumavam se hospedar muitos artistas de theatro, dirigida por uma estranha e escandalosa senhora. Naturalmente, Jack e Mary duas almas finas e de sentimentos elevados, não se podiam comprazer naquelle meio deshonesto e artificial, mas as difficuldades da vida de New-York obrigavam-nos a ali viver. Dois "teams" de artistas desempregados ali se achavam tambem, que procuraram logo fazer relações com o joven e encantador par: eram Murray and Madison, eximios bailarinos, e Texas e Thelawney West, habeis atiradores ao alvo. A Jack, porém, não sorria a idéa de que sua noiva mantivesse relações com os seus companheiros de pensão.

A' FAMA

Como todo o verdadeiro apaixonado, era ciumento. E quando, certa vez, Murray, amabilissimo, convidou Mary para jantar fóra, em um restaurant, a moça teve que se desculpar muito e não acceitar, dividida entre o receio de maguar o collega e o medo de desagradar a seu noivo. Mas, Murray não era homem que recuasse ante o primeiro obstaculo. Nem mesmo ante o ultimo... Para que lhe serviria a sua amizade com Texas, senão para que ella lh'a provasse agora? E, muito affavelmente, Texas disse á sua amiguinha:

— Mary, você quer jantar commigo e com um grande amigo meu, amanhã, num restaurant? Nem calcula o favor que você me faria! Eu ficaria grata a você para toda a eternidade!

Mary, naturalmente, accedeu. E foi, tranquilla. Qual não foi a sua surpreza ao reconhecer no tal amigo de Texas, o proprio Murray, com os seus ares de D. Juan barato e convencido? Mas, para que o jantar se tornasse agradavel para ella, Murray havia combinado com Jack que elle fosse tambem, e, quando elle lá chegou, sua noiva o apresentou como seu primo. Dessas coisas que as mulheres fazem sem saber bem porque. Talvez para explicar melhor a familiaridade que existia entre elles.

Não sei. Mas Jack viu nisso uma intenção qualquer, cuja significação lhe escapava. O que não lhe escapava, porém, eram os gestos e os olhares de Murray, todo derretido com Mary e tomando uns ares victoriosos que mais irritavam o pobre noivo. E, quando regressaram á casa, Jack reclamou:

— Ou bem você é minha noiva ou não é. Tem que resolver isso. Eu não estou para fazer novamente o papel que fiz. Se fui idiota hoje, não quer dizer que o vá ser sempre...

— Pois póde deixar de ser, se quizer...

Começou assim a discussão e acabou como todas: encolher de hombros, prazeres desagradaveis e ironias, olhares duros, sorrisos de desprezo, ares superiores e offendidos, indirectas directas... E, com grandes gestos dignos e ares indifferentes, cada qual se retirou para o seu lado.

Mas aconteceu que Madison, a sympathica mulher e "partner" de Murray, cahiu gravemente doente e teve que se internar num hospital. E, justamente no dia em que a pobre bailarina deixou a pensão, uma vantajosa proposta foi feita ao elegante dansarino, que, immediatamente, dirigiu-se a Mary, pedindo-lhe que substituisse a sua esposa enferma, dansando com elle um numero de successo num importante theatro.

(Termina no fim do numero)

A Personalidade de MADGE BELLAMY

Póde uma estrella conservar a sua personalidade em Hollywood?

Ha, sim, pelo menos uma, dizem os que conhecem de perto Madge Bellamy.

A maioria dos artistas modelam-se conforme ás idiotas frivolidades da Mecca do film, havendo muitas mesmo que, apesar de tidas na conta de intelligentes, não passam de espiritos superficialissimos. Creaturas absolutamente sem individualidade.

Innumeras dellas julgam que a sua presença nas noites de "premiére" é coisa indispensavel, e comparecem a festas e reuniões, não porque encontrem sempre prazer nisso e sim arrastados, magnetisados pela expectativa de verem os seus nomes arrastados por amaveis escribas e publicados no dia seguinte nos jornaes — particularidade muito importante na vida de uma estrella, segundo affirma o "press agent" zeloso.

A série de ridiculos em que uma estrella incorre, simplesmente por acreditar que isso auxiliará sua ascensão na carreira, daria para encher livros.

Muito raramente se encontra uma artista dotada de individualidade bastante nos seus conceitos para merecer as honras do papel impresso. No numero dessas raridades, segundo o chronista cinematographico William H. Mc Kegg (por conta de quem corre tambem a primeira parte da affirmação) está Madge Bellamy, que é a mais captivante individualidade na heterogenea fusão de creaturas procedentes de toda parte que é a filmlandia.

"Madge Bellamy é uma surpresa para aquelles que têm a fortuna bastante de conhecel-a, assevera o citado jornalista. E quando falo em "fortuna", sei o que digo, porque ella não extende a todos o privilegio da sua palestra e da sua privança.

Ao contrario de muitas estrellas que sabem disfarçar a sua pouca sympathia pelas pessoas com apparencias de amavel polidez, Madge Bellamy, não sabe ser hypocrita. Quando não gosta de alguem, ella não se dá ao trabalho de contrariar os seus sentimentos. Raramente vae ás "premiéres", e os cafés muito difficilmente têm a honra de vel-a.

Tem-se a impressão de que ella é dessas creaturas capazes de fazer duas cousas ao mesmo tempo. E o curioso é que essa impressão se confirma. Madge Bellamy é, por exemplo, capaz de sustentar uma brilhante palestra emquanto se pinta e se prepara para a scena; expender lucidos conceitos, que encantam o seu interlocutor, ao mesmo tempo em que brinca com o seu terrier. Madge solicita a nossa attenção para qualquer cousa, e antes que tenhamos tempo de formular um juizo, accóde ella com outra observação. Ella possue um senso de "humour" difficil de definir-se. Não é o espirito pesado e recheado de trocadilhos, mas a graça delicada e tão exquisitamente leve como a sua propria pessoa...

Dir-se-ia que os seus movimentos são scintillantes e luminosos, si assim se póde dizer. Os seus gestos são como scentelhas. Ella se levanta de uma cadeira como que impellida por uma mola, como si de subito visse deante de si um bando de inimigos ameaçadores. A cabeça sempre erecta, majestatica, alerta nos seus movimentos, mas sem os sobresaltos de gatinho assustado.

William H. McKegg, o chronista cinematographico, a quem tomamos esse retrato graphico de Madge Bellamy, accrescenta que a generalidade das estrellas femininas são a incarnação do jazz; Madge é como as melodias de Puccini — bruscas e surprehendentes, cheias de mudanças subtis e imprevistas. Ao passo que de ordinario a conversa de um artista é estupida, typica, enfadonha, Bellamy nunca diz cousas que não tenham sentido.

Desde o momento em que nos approximamos de Bellamy, ficamos convencidos de que ella não tem consciencia de si — isto é, da sua mocidade, da sua belleza e do valor do seu intellecto. Ella não procura impressionar-nos, embora dos seus labios jorrem sempre conceitos intelligentes, com a mesma facilidade que jorra a agua de uma fonte.

O pedantismo, a "pose" é cousa que não existe para Bellamy. Não ha muito, diz o jorna-

lista, eu assistia a uma scena dramatica representada por ella no film "Mother Knows best".

Ella devia entrar um accesso de riso, que gradativamente a conduziria a uma explosão hysterica contra a sua mãe, rematada pelo desmaio da artista. Todo o mundo no "set" sentiu-se commovido, cousa que muito raramente acontece entre aquella gente acostumada a esses espectaculos, quando o director deu por terminada a scena, Madge levantou-se do chão, e meio estonteada, com os olhos ainda marejados de lagrimas, tornou para junto de mim. — "A mãe é que sabe o que é melhor". A julgar pela minha explosão, vê-se que não é esta a minha opinião", observou ella com espirito, repetindo o titullo da fita, e reatou a conversação que a scena havia interrompido.

"Quantas artistas seriam capazes de tirar o effeito daquella scena que Madge acabava de representar com tanta realidade? Quantas dellas não assumem "poses" e tomam ares dramaticos,

sentindo-se, como ellas declaram patheticamente "exhaustas pelas suas emoções?"

Madge Bellamy é cem vezes mais brilhante e diversa do que qualquer das taes artistas que "vivem" os seus papeis. Ella não representa com as suas emoções, mas com o cerebro, porque na realidade, ella vive muito pelo espirito. Essa particularidade empresta-lhe um ar abstracto, que levará os estranhos a supporem-na uma indifferente — o que é puro engano. Os que não a conhecem certo não a comprenenderão nunca, a não ser que tenham sympathia por ella; ;mas mesmo assim subsistirá nella sempre qualquer cousa de enigmatico.

Falando a proposito de algumas comedias ligeiras que ella fez ultimamente, declara Bellamy: "Essas comedias me agradaram. Os enredos eram um tanto inconsequentes, concordo... nós os iamos compondo á medida que o trabalho proseguia. Mas desssa fórma eu consegui approximar-me mais dos dous fins productivos do trabalno. E' agradavel ouvir-se alguem dizer-nos: "Aqui está uma idéa: veja o que pode tirar della".

"Em regra, os directores não gostam de receber suggestões de um artista: isso é para elles um verdadeiro insulto. Fazendo taes comedias,

era-me possivel entrar com o meu concurso, e effectivamente entrei, em varios sentidos, e tinha a satisfação de sentir os resultados das minhas idéas — bôas ou más".

Sim, bôas ou más, o facto é que aquellas comedias ligeiras, augmentou o numero de espectadores na bilheteria e a popularidade dos seus interpretes. Esses films são simples diversões, porque Madge Bellamy é capaz de realizar grandes cousas, e com facilidade, porque talento não lhe falta nem base.

Ella fez a sua estréa perante o publico aos oito annos de idade. Seguia um curso de dansas, quando appareceu em sua terra, uma cidade no Texas, uma companhia lyrica. Sendo levada a scena a "Aida", ella e outras crianças suas companheiras, prestaram o seu concurso, figurando como escravos negros e dansarem e tocarem cymbalos no segundo acto.

A sua meninice, passou no palco. Seu pae era professor de inglez e Madge tinha a bibliotheca paterna á sua disposição. Shakespeare tornou-se um onze annos ella tinha mundo aberto á curiosidade de Madge. Aos penetrado em regiões literarias que a maioria das pessoas só aborda aos vinte. O empolgante Balzac era uma das suas paixões. "Les illusions perdues" e "La recherche de l'absolu", entraram a despertar os écos da sua alma, numa idade em que outras se enter-

(Termina no fim do numero)

O Unico Amor de CHARLIE CHAPLIN

Aquelle vulto de baixa estatura e cabellos pretos entremeados de fios argenteos, dir-se-ia a figura da tristeza solitaria ao lado do pequeno tumulo, pouco maior do que o tumulo de uma creança. O vulto era Charlie Chaplin, o tumulo era o de sua mãe, uma mulher franzina de corpo mas grande de espirito — até o dia em que a guerra, despejando a morte dos ares sobre as ruas de Londres, deixaram-na attonita, conturbada para sempre. Era um pequeno tumulo aquelle, mas ali jazia o grande amor que illuminou a vida de Chaplin.

Com a sua mãe sepultára-se a sua mocidade, todos os laços que o ligavam áquelles dias de um passado distante, em que elle, pobre garôto batia os bairros pobres da metropole britannica. Quando os seus dois irmãos paternos, Wheeler Dryden e Sidney Chaplin, partiram a ganhar a vida, Charlie, apenas de oito annos de idade, ficou com sua mãe no humilde quarto, que muitos annos mais tarde ella deveria copiar até o mais insignificante detalhe no seu film "O garoto". Elles dois haviam passado fome e tiritado de frio juntos; juntos haviam rido das scenas engraçadas das ruas, e ella se commovera e sentira-se envaidecida no dia em que o rapaz chegára á casa com o bolso cheio de moedas de cobres que lhe havia atirado a multidão de espectadores que o esperava na porta de trás do theatro, em que Chaplin os divertia com as suas canções e dansas comicas.

O que de sacrificios ella fez por elle, o que de energia varonil revelava aquella creança para garantir a subsistencia de sua mãe, só elles dois sabiam. Chaplin não foi jamais um espirito communicativo. As duas mulheres que foram suas esposas, diziam que nunca puderam comprehendel-o. A unica pessoa que conseguiu tal cousa foi talvez aquella mulher franzina, de idéas perturbadas e de cabellos grisalhos como os de seu filho.

"MAMÃE" CHAPLIN

Chaplin conheceu na vida muitas cousas amargas, e, sem duvida, uma das suas maiores amarguras foi a de verificar que, quando chegára afinal a hora de poder compensal-a dos annos terriveis de luta, por uma dessas ironias crueis do destino, já ella não estava mais em condições de comprehender que aquelles annos pertenciam a um passado distante e que de nada mais se veria ella privada. Affirmam pessoas que os frequentam que ás vezes a velha senhora mostrava-se apprehensiva e amedrontada ante os testemunhos da riqueza de seu filho. Ella que havia soffrido todas as necessidades e conhecido os horrores dos cortiços de Londres, não conseguia comprehender a enorme casa de Chaplin com as suas cortinas de velludo e fôfos tapetes. Era impossivel que toda aquella magnificencia pertencesse ao seu boy, e ella lhe implorava que abandonasse um trabalho que não podia ser honesto (tanto era o seu resultado) e entrasse no bom caminho.

Vinte cinco annos antes ella por certo esperava vel-o ministro um dia.

Outras vezes, ella se imaginava no passado, viuva moça com tres filhos, na Londres nevoenta e sombria. A esse proposito, conta-se mesmo que um dia ella appareceu, como, aliás, fazia frequentemente, no Studio, acompanhada de uma dama de companhia, afim de assistir ao trabalho do filho. Sentada commodamente numa chaise-longue, ella contemplava o comico nas susa roupas maltrapilhas de costume. A certa altura, quando Chaplin, deante de um espelho, ageitava o vinco das suas enormes calças, escovava os enormes sapatos e alisava a ineffavel jáca com a manga, ella teve um pequeno suspiro e levantou-se encaminhando-se para a scena.

"Charlie, meu filho, exclamou ella, tomando-o nos braços, eu não sabia que as tuas roupas estavam tão surradas assim. E como estão horriveis os teus sapatos! Mas não te incommodes, tem confiança na mamãe, meu querido. Nós havemos de arranjar umas roupas novas. "Havemos de dar um geito".

Charlie tentou tranquillizal-a, mas era realmente muito grande a afflição da pobre mãe. Ella dava tratos á bola, como nos velhos e apertados tempos de outr'ora para descobrir como arranjar uma roupa e sapatos novos para o seu rapaz. "Eu tenho outra roupa mamãe, melhor do que esta, disse-lhe elle por fim. Vamos lá em casa, quero vestil-a para você vêr; e verá como fico elegante". E com o braço passado pelas costas de sua mãe, elle conduziu-a ao automovel e foi-se com ella. E naquelle dia o Studio não o viu mais.

Durante sete annos, Charlie Chaplin lutou com o governo americano para ter a permissão de conservar sua mãe com elle. O choque que ella soffrera por occasião dos raids dos aeroplanos allemães em Londres, durante a guerra, causou-lhe uma pertuarbação mental, e para o pouco sentimental Tio Sam não importava que Charlie Chaplin fosse um grande artista e senhor de uma bella fortuna; a lei prohibia a sua entrada no paiz, a não ser que se provasse ter ella meios de subsistencia propria, afastando-se pois a hypothese de um peso para o Estado. Todos annos, era preciso um tedioso trabalho para renovar a permissão de sua permanencia, e todos annos voltava a pesar sobre a tranquilla residencia de San Fernando Valley a ameaça de uma ordem de deportação.

UM CONTO DE NATAL...

Chapln dava-lhe tudo: flôres, bellos vestidos, criados, automovel seu proprio. Ás vezes mesmo levava-lhe joias que a enchiam de alegria. E apesar de todos os aborrecimentos da sua vida domestica, das difficuldades pecuniarias, dos casos judiciaros e dos escandalos da imprensa, Charlie nunca passou uma semana sem ir vêr sua mãe. Para os seus amigos do Studio elle poderia parecer um typo fechado, ás vezes mesmo triste, mas ao lado de sua mãe Charlie era o risonho e gaiato de sempre. As enfermeiras do hospital viram rir juntos toda a tarde da vespera da sua morte.

Na colonia do film, muito poucas são as pessoas que jámais viram a Sra. Chaplin. As comedias de seu filho lhe eram apresentadas numa téla que ella possuia em sua propria casa. Duas vezes ella foi levada ao Cinema para vêr o "Circo", ms os que viram aquella creaturinha fragil, com olhos de creança a brilharem sob a fronte encanecida, estavam longe de suppôr que estava ali a fonte de boa parte do talento do comico genial. As raras pessoas que a conheceram, attestam que ella tinha muitos dos gestos, maneiras e expressões que tornaram famoso a seu filho. Na sua primeira juventude a mãe de Chaplin fôra uma artista de variedades e opereta de certa celebridade, e Charlie conta como ella costumava sentar-se á janella do seu humilde aposento, e punha-se a imitar os transeuntes que passavam na rua para divertir seus filhos e fazel-os esquecer que ella não tinha nada para elles comerem.

(Termina no fim do numero).

PAPAE SOLTEIRO

(BEAU BROADWAY)

FILM DA M. G. M. — COM A SEGUINTE DISTRIBUIÇÃO:

James Lmbert ..... Lew Cody
Yvonne ..... Aileen Pringle
Priscilla ..... Sue Carol
Gordon ..... Hugh Trevor
Dejuha ..... Heine Conklin

PRISCILLA TORNOU-SE A PRINCEZA DAQUELL A CASA...

E Priscilla, cada vez, cada dia, mais encantadora, mais amavel, ficou sendo a princeza daquella casa. Fazia bolos, doces, confeitos para o seu papae, dizia-lhe cousas amaveis, cuidava - lhe da roupa, do apuro dos "smokings", e communicava como que uma alegria nova e deliciosa aquella casa. Um dia, entretanto Yvonne encontrou Priscilla e James Lambert numa casa de modas, precisamente no momento em

Que surpreza! Elle, James Lambert, empresario de lutas de box, o typo ideal do "blagueur", estroina, sempre amavel, sempre elegantes, "chics", muito dados a amizades gantes, "chics", munido dadas a amizades "muito intimas" — transformado em pae, "papae solteiro"!

Mas assim era. Assim é, assim seja, como diria Anna de Glavary, e tudo porque um seu velho amigo, ex-campeão, sentindo-se velho, quasi moribundo, pedira que elle, que dispunha de recursos, tomasse conta de sua netinha. James Lambert acceitou de bom grado a opportunidade de se transformar em pae, mas grande foi a sua surpresa, valha a verdade, quando viu que a netinha do tal velho amigo, era uma moçoila, aliás bem encantadora, provocante, linda, — emquanto que elle contava que a sua "filhinha" fosse uma garota de uns tres ou quatro annos.

Uma das mais intimas amizades de James Lambert era Yvonne, uma creatura linda, elegantissima, mas extraordinariamente ciumenta. Para felicidade de James, porém, elles agora estavam arrufados, e por isso, Priscilla pôde ser installada na casa do seu "papae solteiro", cercada da maior calma por parte deste.

que a moça enamorava-se de um casaco de pelles destinado a Yvonne, e que seria pago por Lambert. James Lambert suou frio. Mas, calmo, intelligente, explicou tudo a Yvonne, por meio de signaes.

E diante do olhar que sobre elle Yvonne lançava, com olhos de ciume e desprezo, James Lambert teve medo de nunca, nunca mais ser procurado pela mulher que elle tanto amou, e á qual, agora, talvez já não amasse tanto, porque Priscilla dava-lhe um sentimento extranho no coração, sentimento exquisito, sim, mas que o deliciava e lhe dava, de repente, uma esperança bôa...

Priscilla, entretanto, arranjara um "flirt", na pessoa de um dos contractados de James Lambert, rapaz insinuante que captivara a moca. James alarmou-se. Não, elles jámais deixaria que Priscilla se casasse com aquelle rapaz, que podia ser bom, ser honesto, sim... — mas que tinha qualquer cousa que elle não approvava. E como á noite, cercada de muitos amigos, Yvonne appareceu em sua casa, porque era o dia natalicio de James Lambert, o "papae solteiro" ficou desnorteado. Yvonne era sempre encantadora; Priscilla tinha um certo "quê"; seria que Yvonne poderia voltar para o seu coracão, emquanto Priscilla, afinal, poderia muito bem casar com Gordon?

Caso difficil. Elle gostava de Yvonne, mas talvez gostasse muito mais de Priscilla... Mas seria que Priscilla gostava delle apenas como pae? O caso era realmente difficil... O melhor seria pensar, pensar muito... E tanto James Lambert pensou, que resolveu decidir as cousas de modo a satisfazer-se a si mesmo!

E fez isto: provocou Gordon a acceitar um desafio para uma luta, assegurando-se préviamente de que a derrota seria do rapaz. Priscilla, desgostosa, não ligaria mais importancia ao "boxeur", e assim, talvez, elle pudesse fazer a sua declaração de amor

Houve a luta. E Gordon, ao contrario do que Lambert esperava, ganhou-a. Mas Priscilla não queria saber de heróes do "ring". Ella queria, apenas o homem que lhe conquistara o coração. E esse homem, disse-o ella mesma, em alto e bom som — era James Lambert, o seu "papae solteiro".

W. TORRES

MAS PRISCILLA ERA LINDA!

De São Paulo

(DE O. M., CORRESPONDENTE DE "CINEARTE")

Pedro Lima esteve alguns dias aqui em São Paulo.

Analysando o que elle me contou, sobre os films em execução, tirei umas tantas conclusões. Aqui estão. Julguem-nas os que são interessados e julguem-nas o publico leitor. Creio que são sinceras e que exprimem o sentimento de todos nós.

"Tiradentes" é um dos films que se está fazendo. "Escrava Isaura", é outro que vae começar. Existem outros. Comedias, dramas e farças.

Nada sei de positivo sobre estes trabalhos. O que vou dizer, é fruto, apenas, do que vi, pelos stills e do que conversei com Pedro Lima. Acho que merecem parabens todos esses que estão filmando com decencia. Merecem, francamente, porque todo o esforço honesto merece parabens. O pessoal que Nicolino Barra commanda está trabalhando num Studio que, se não é perfeito, ao menos optimo é. Muita gente faria assombros com aquelle Studio! O pessoal de "Escrava Isaura" dispõe de menos recursos, é certo, mas têm cinematographistas conhecidos, á testa e parece que existem alguns financeiros ponderaveis na iniciativa.

Mas o facto que já se está cuidando de C--nema decente. E isso é que era necessario. No entanto, muitas vezes uma pessoa tem grande bôa vontade. Tem disposição a melhor. E falha. Falha e depois culpa o publico. Diz que o publico não compensa os espectaculos decentes. Que o publico o que quer é "Vicio e Belleza" "Morphina". E zás! fazem mais morphinas... E não tem razão! Nenhuma! A culpa é delles proprios. Sim, porque não souberam apanhar o agrado do publico. Não comprehenderam que Cinema não é só ter a machina que photographia, O megaphone. O romance. E, prompto, filma-se! Cinema não é assim! O que é arma poderosa, nas mãos da competencia, torna-se objecto inutil, nas mãos do incapaz. E eu quero crer que sejam bem capazes os que estão filmando, aqui em São Paulo. E', mesmo, o meu maior desejo. Vêr a minha patria perfeita, é o que mais desejo. E sem Cinema proprio o Brasil nunca poderá ser perfeito. Podem rir! A' vontade! Fanatismo? Pouco importa. Ha quem ria commigo. Muitos! Quasi a maioria. Mas nós é que riremos por ultimo...

E o que quero, apenas, com as suggestões acima, é saber uma cousa. Si ha criterio e intelligencia na confecção dos films. Sim, porque o successo do film depende de cousas essenciaes, como sejam: director moderno; que arranque do artista a melhor expressão com a menor gesticulação; continuidade, ou seja, adaptação cinematographica do argumento, feita sob os principios technicos requeridos; operador intelligente que, com o director, sempre procure movimentar a machina e tirar os angulos melhores dos artistas. Empregar os systemas de photographia moderna. Emfim, adaptarem-se, o mais possivel, á technica dos bons films norte-americanos. Sim, porque o que é innegavel, é que os norte-americanos, em Cinema, por emquanto, são os mestres. E a gente deve deixar os europeus em paz. Si elles fazem 200 films por anno, numa hypothese, 197 não prestam. Os tres restantes, são: um optimo, o outro bom e o terceiro soffrivel..

Para provar o que digo, ha o seguinte. O publico acompanha o progresso da Cinematographia. Vê a differença da technica. Insensivelmente vae conhecendo isso tudo. Sem querer fica aborrecido quando vê um film de gesticulação exagerada, dos artistas, de direcção morta, fria, de photographia atrasada, de argumento antiquado e mal orientado, produzindo uma série de scenas que se não concatenam, que não fazem vibrar!!! Porque a continuidade de um film deve obedecer á um preceito unico: produzir um trabalho que, cinematographado, dê um film que nem requeira letreiros. Então será um trabalho perfeito. E é isto que eu desejo que esteja nos films que São Paulo está fazendo. Nem imaginam o meu enthusiasmo, a minha loucura, a minha suprema felicidade se isto se dér. Applaudir um film BRASILEIRO bom, é o que eu mais desejo. E ponho desde já, todo o meu enthusiasmo e prestimo ao dispôr de toda a iniciativa honesta.

ALDO E WANDA LINS NO "CRIME DA MALA" DA MUNDIAL - FILM

Outra cousa. Os argumentos. "Tiradentes". "Escrava Izaura". Um thema patriotico e um romance mais do que popular. Acceitaveis. A historia de Tiradentes sempre é bôa. Mas a gente fica com medo da barba... Escrava Isaura é um romance conhecidissimo. Haverá publico para applaudir tudo, si forem films bem feitos. Mas eu queria pôr, aqui, uma suggestão toda minha. Naturalmente para as producções do futuro.

Vocês deixem esses argumentos antiquados. Não é preciso ir buscar Tiradentes para fazer vibrar o sangue do patriota. Um veterano da Guerra do Paraguay, vendo a bandeira do Brasil e perfilando-se, commovido, basta! Já temos o espirito patriotico! E isto póde ser encaixado num argumento moderno, bonito, interessante. Argumentos?? Ora, ouçam outra maxima de quem vem acompanhando Cinema de longe: desistam de pensar que os argumentos bons são os que se tiram de romances, peças theatraes, etc. Desistam! Um rapaz é casado. Tem um amigo que tambem é casado. Apaixonam-se, reciprocamente, ás escondidas, um pela mulher do outro. Vem o desenrolar do argumento até á situação principal, climax, que é quando os dois sabem da verdade e voltam ás direitas, com a lição de moral sã, finalmente. Duas phrases e já se tem um thema. Agora dá-se isso ao continuador e elle labora a historia. Mil cousinhas. Detalhes. Sophismas delicados. Elemento amoroso bem cuidado. Situação principal em cada sequencia. Tudo bem feito. Moderno! E, prompto, já se terá um trabalho que correrá o paiz todo com successo indiscutivel e com lucros garantidos. Viu-se, muito bem, que "O Guarany", um film technicamente mal feito, deu lucros indiscutiveis e innegaveis á Paramount, que o distribuiu. Isto não póde, absolutamente, soffrer duvida!

Mas eu chego a temer de dar alguma suggestão. Sim, porque ha gente que não crê que eu esteja falando com sinceridade. Pensam que isto tudo é forjado, irreal... Mas não importa. As bôas idéas expellem-se. Assim como pódem ficar estéreis pódem fructificar e si isso se dér, é um conforto para a gente, que tanto ambiciona, que tanto sonha com esse ideal bonito, deslumbrante, que é o CINEMA BRASILEIRO!

E são estas as minhas idéas. Si servirem, bem. Si não servirem, paciencia. A minha intenção é uma só: TUDO PELO BEM DA FILMAGEM BRASILEIRA! E não posso deixar de daqui felicitar os rapazes que estão lutando por esse ideal, porque, realmente, estão trabalhando com capricho, (segundo consegui deduzir dos stills dos sets de Nicolino Barra) e outros, tambem, com intenções bastante honestas. Merecem parabens. Aqui os têm.

*

O CRIME DA MALA (Mundial Film) — Com Pedro Lima assisti este film em exhibição especial. Não que o film seja colosso ou formidavel. Não. Mas, comparado com o trabalho da Iris é acceitavel. O que torno a censurar, é a idéa. Podiam tel-a abolido. Mas si a Mundial tivesse deixado sómente o outro titulo: "Tragedia Silenciosa" e tivesse tirado aquelle climax, substituindo-o por outro, teriamos um film que talvez pudesse ser visto. Começa que direcção e a photographia são melhores. Quando Aldo Lins, então, vae estrangular Wanda Lins, ha um shot muito bom e que revela mais a intelligencia do operador e a sua capacidade em emprehendimentos de maior folego. E', mesmo, como film feito em 6 dias, bem passavel. Tem cousas bôas. Os apanhados iniciaes são bons. Tem já um leve cheiro de continuidade. A direcção é bôa. Ainda quer tirar partido de caras contorcidas e mãos crispadas, para focalizar horror e odio. Mas isso ha de finalizar com o tempo. E quanto eu censuro a idéa de terem tocado neste crime, tanto eu vejo que teria que applaudir, si esse film fosse com outro objectivo.

Mas este film póde ser proveitosissimo. Por um motivo. Porque mostrará a Francisco Madrigrano, seu director, que si elle fez em 6 dias este trabalho, fará muito mais si tiver mezes de vagar para produzir "Escrava Isaura". Agora, outra cousa: deixe o Aldo Lins em paz. Elle de brasileiro só tem o nome. Neste film, estava bem, porque era mesmo de um typo estrangeiro que se precisava. Mas Madrigrano me disse que elle vae ser galã de Escrava Isaura... Wanda Lins deve continuar. Não é má artista. Falta-lhe um pouco mais de "it". Mas assim mesmo está bem. E o film não apresenta aspectos deprimentes. Não tem aquellas scenas pavorosas com a victima, semi-núa, na cama. E' um trabalho bem mais decente.

Não vejam o fim. Assim ensinarão os productores de films a produzir sómente cousa digna. Mas observem o que escrevo. E com os nomes citados, em producção decente, vão assistir. E' uma promessa valiosa. Tem technica bastante atrasada, ainda, mas é bem melhor do que o outro film congenere. A idéa foi horrivel. Mas póde servir de muita cousa para o productor: estimulal-o a produzir films de enredo, mas films com argumentos dignos e que mereçam o applauso incondicional de todos os brasileiros. Vamos, Madrigrano, você deixe essa mania de films scientificos ou morbidos. Faça Cinema de facto. Você vencerá! E nós aqui estamos para o ajudar em tudo que seja necessario! A' luta, mas com alma nova e com ideaes novos!

*

O Odeon continua dando dôres de cabeça. As cartas continuam chovendo ao "Perguntame Outra". E de lá para mim, com reticencias crueis... Mas eu confesso que estou agindo com criterio. Não tem razão o missivista que diz que aqui não ha quem zéle pelo interesse do publico. Eu zelarei. Mas é preciso que eu tenha a certeza para poder falar, gritar! Si eu fôr um dia ao Cinema, supponham, e vir o bilheteiro maltratar um espectador, eu não poderei já roncar páo no gerente "pela falta de criterio". O mesmo, si houver outro gerente que

diga que a "casa está repleta" quando ella está mesmo e o publico tem que retroceder... Mas a sorveteria do Odeon merece, de facto, alguns commentarios. Não estão agindo como deveriam agir. E muito me parece que isto não seja do conhecimento do Serrador, Homem intelligente, conhecedor profundo da nórma (sem allusão as reprises...) de como agradar ao publico, Serrador não póde deixar de reprovar o que se está dando. Ou, então, se fôr, de facto, medida necessaria, explical-a claramente, pelos jornaes, ao publico ou, ao menos, nos programmas que distribuem.

O pessoal da sala Azul, si quizér ingressar para a sorveteria, tem que esperar até 11 e tanto, o final da segunda sessão da Vermelha. Isso é um absurdo! Allegam, do Cinema, que é necessaria tal medida, porque existem muitas passagens da sorveteria para a sala Vermelha e que, assim muitos approveitam-se da entrada á sorveteria para ir assistir á sessão da Vermelha. Mas a solução parece-me facil: porque não deixam sómente o corredor central accessivel á sorveteria, com porteiro pela passagem da sala Vermelha, e fecham as outras portas de communicação com a dita sala? Impossivel? Se fôr impossivel é preciso expôr o motivo dessa impossibilidade. Sim, porque todos tem direito á sorveteria. A prova está que elles, nos vidrinhos horriveis, projectam bem claro na téla Azul: "sahindo daqui, passem pela sorveteria dancing. funcciona até 1 hora da manhã". No entanto, o pessoal sáe. Quer seguir o conselho. Mas precisa esperar. Só si é por causa de alguma fabrica de banquinhos que si vae installar ali e fazer grande negocio entre o pessoal que quer sentar para não si cansar, esperando...

Com o pessoal que vêm de fóra, nada tenho a vêr. Defendo, sómente, os que frequentam as salas de films. Mas o facto é que não é justo ter uma sorveteria tão distincta, tão linda, só para uma sala. A outra tambem merece. E creio que Serrador dará satisfação completa á isto. Outra cousa que elle precisa explicar: porque os 4$000 e 5$000 de entradas perduram? Só si é para dar os 1$000 e 2$000 de excesso á alguma instituição de caridade, como esmola, porque lucro elle já tem, e bastante! com os 3$0000 que cobrava no inicio. E' a tal cousa: péga o Cinema? Vamos brincar de abusar?...

Agora, bem póde ser que tudo seja regimen de ordem interna. O publico póde estar na ignorancia de certos preceitos indispensaveis ao grande Odeon. Mas, si assim fôr, naturalmente esse mesmo publico é digno de uma satisfação cabal e absoluta. Aguardemos.

≈

Caros leitores. Por um atraso de correspondencia eu estou ficando muito para trás com os films. Assim, vou resumir bastante as criticas e commentar tudo aqui. Lá vae. Esta secção de critica, que faço, ainda acaba como aquelles guias para os bons, máos e pessimos films, das revistas norte-americanas...

≈

QUANDO UMA PEQUENA QUER... (The Carboard Lover) — M. G. M. — Producção de 1928.

Marion Davies é um colosso. Eu faço idéa que cousa horrivel isto em theatro, como o fez Jacques Deval. Mas o film é bem bom. Robert Z. Leonard está ficando um director magnifico. Tem "it" o seu megaphone. E Nils Asther, afinal, é um rapagão bem acceitavel, magnifico artista. Jetta Goudal trabalha. E Marion a imita colossalmente... Não percam. Vão rir com o De Segurola e os autographos...

VENCENDO O DESTINO (The Little Shepherd of Kingdom Come) — F. N. P. — Producção de 1928.

Richard Barthelmess, neste film, tentou reproduzir o seu successo de David, o Caçula. Mas não conseguiu. Aliás este film tem um thema bem fraquinho. E isto eu já notei ha annos quando vi o mesmo film feito pelo Jack Pickford, Pauline Starke e Clara Hortch, nos papeis que Richard, Molly O'Day e Doris Dawson têm neste film. Al Santell, um bom director, perdeu o seu tempo. Vocês póde ser que se contentem só porque tem Richard. Mas eu bocejei e fiquei esperando a vez de vêr o pesinho da Molly O'Day...

Para os admiradores de Richard.

PRINCIPE FAZIL (Fazil) — Fox — Producção de 1927.

Howard Hawks é um director carnal. Os seus films são quasi para depois das 11. Mas este Fazil, que, afinal, agrada ás melindrozinhas e aos almofadinhas, empregando esta chapa velhissima é a cousa mais ridicula que Charles Farrell fez. Está sem geito. Parece que está trabalhando com medo de escorregar e levar um trambolhão... Greta Nissen vale dois milhões. Aquelle harem, com permissão do P. V., vale tres milhões... A auditorium deu magnifico effeito acompanhando o John T. Murray á cantar a Vizione Veneziana. Particularmente quando o gondoleiro cessa de cantar e o Titta Ruffo continua cantando...

SUZANA (Syncopating Sue) — F. N. P. — Producção de 1927 — Programma Serrador.

Corinne Griffith é do meu agrado. Ella ri na manga, masca chiclets, diz desaforos com a bocca torta. Tudo isto para o Lee Moran. Achei estupendo. E' uma comedia que poderia ser melhor. Mas agrada, afinal. Tom Moore, na scena em que beija Corinne, pelos effeitos da lei secca, está optimo. Mas como bateria que arranca palmas... Agora sou eu que rio na manga... Richard Wallace dirigiu commumente.

RUA DO PECCADO (The Street of Sin — Paramount — Producção de 1927.

Como já disse o P. V., Lubitsch, Von Sternberg e Mauritz Stiller tiveram o seu quinhão neste film. E como eu gosto de films assim fortes, violentos, brutaes, até, gostei deste. Depois achei o Jannings menos careteiro. Exclua-se, naturalmente, aquella, scena no bar, quando elle arremessa aquelle objecto no espelho. Mas a expressão delle, encontado á parede do quarto de Fay Wray, é um colosso. Jannings tem "it". Baclanova, realmente, é uma actriz de méritos indiscutiveis. Fay Wray, está ficando dentro do meu coração... As scenas iniciaes do film, são, sordidas. Mas mostra o que é Benjamin Glazer escrevendo uma continuidade e o que é Cinema falado sem letreiros...

AMANDA YEILOPE E ANTONIO LORENTINO NO "CRIME DA MALA" DA IRIS - FILM.

CONFLAGRAÇÃO DO AMOR (Stark Love) — Paaramount — Producção de 1927.

Com os recursos que Karl Brown fez este film, realmente, a gente tem que admirar o seu trabalho. Mas se formos considerar aquelle pessoal pavoroso, só servindo a Helen Munday, a gente acaba, mesmo, de sentar e mandar, as mulheres procurarem um film melhor...

VENTO E AREIA (The Wind) — M. G. M. — Producção de 1927.

Lillian é um colosso. Tambem o é Victor Seastrom e Lars Hanson não fica atrás. Mas Frances Marion escreveu o scenario e vocês sabem que Frances Marion não deixa ninguem ser melhor do que ella. Logo... Um bom film. Mais do que isso. Um optimo film. Suave. Depois mais rude. Depois brutal. Depois violeto. Dpeois suave, de novo. Como todos os films de Lilian. Tem tragedia pura. A morte de Montagu Love e o baque do seu corpo no chão, mostrado por uma pilha de pratos... E o vento? E o vento? E a areia? Lillian está um assombro neste film. Quando enterra Montagu e o vento descobre?... Eu sei que vocês vão gostar. E' um pedaço da vida este film. Mas a gente poderia mandar a orchestra do Triangulo dar concertos naquella terra...

A ALMA DE UMA NAÇÃO (The Birth of a Nation) — Univresal — Producção de 1928.

Gostei deste film. E' humano e evita excessos de hokum. George Sidney tem um grande trabalho. Patsy Ruth Miller. Que pequena! Josephine Dunn apparece. E tem gente que não acaba mais. Mas George, Albert Gran e Michael Vise.off são os melhores.

SENHORITA FUTILIDADE (The Little Snob) — Warners — (Programma Matarazzo) — Producção de 1928.

May Mac Avoy é boazinha. Comportada. Alec B. Francis, seu pae, tem um derby de madeira em Coney Isand. Robert Frazer é o rapaz melhor do mundo. Mas ella vae para um collegio de aristocratas. Lá encontra-se com a pereréca Virginia Lee Corbin e com a mal comportada Frances Lee. E fica peior do que ellas. Apaixona-se pelo caça-dotes John Miljean. E depois de terminado o curso, volta. Sahiu Mazie. Volta Marie... Mas depois, quando ella já se tinha envergonhado de seu pae e dos seus conhecidos todos e, afinal, voltado as bôas reagindo contra as offensas de Virginia contra seu pae, ella volta a ser a bôa menina de antes e tambem aos labios do Robert Frazer. O John Miljean apanha. Isto é novo? Ora, seu John G. Adolfi, vá vêr se estou ali na esquina... May: você ainda vae apparecer em muitos films assim? Se fôr, avise. Não quero ir vêr a sua infelicidade...

Emfim, podia ser peior. Eu não gostei. Mas se vocês estiverem de bom humor e gostarem muito de May Mac Avoy...

TORRENTE EM CHAMMAS (The Michigan Kid) — Universal — Producção de 1928.

Não gostei. Pensei que fosse interessante. Afinal as historias de Rex Beach, ás vezes... Mas só a villania do Lloyd Whitelock... Conrad Nagel e Renée Adorés amam-se, mais uma vez. Irwin Willat poderia ter dirigido cousa melhor. Mas é film para o povo. Tem motivos de successo de bilheteria. Torrente em chammas... Não perca assim uma cousa como incendio na caixa d'agua?

ARREPENDIMENTO (Man, Woman and Sin) — M. G. M. — Producção de 1928.

Este film é exquisito. Tem cousas bôas, dignas de Monta Bell. Mas tem trechos fracos, tambem. John Gilbert não sei se agradará. A mim, agradou. Achei-o optimo. Elle tem um trabalho admiravel. Principalmente naquella scena, no meio da redacção, quando elle quér

(Termina no fim do numero)

O Desenvolvimento do Cinema de Amadores no nosso PAIZ

A Questão de Scenario

Um aperto de mãos a todos!

Aqui estou eu outra vez para continuar a conversasinha sobre essa historia tão importante para os verdadeiros "fans" : o Cinema de amadores. Nem tudo quanto se liga ao assumpto póde e deve ser tratado com a extensão a que a questão da camara (o essencial, está visto) me obrigou. Talvez eu tivesse parecido um pouco cacetador nessas linhas em que pretendi mostrar a vocês todos qual a camara a que a gente se deve cingir de preferencia para poder obter alguns "shots" dignos de um amador de verdade; mas o facto é que a necessidade a isso me obrigou.

Mas agora chega a vez de conversar com vocês sobre o film. o film em si, está claro, porque a gente de casa, o pessoal que anda á nossa roda, esse não vae prestar muita attenção ao cuidado que se prestou ao trabalho, etc.

Tudo isso merece attenção, eu sei, mas afinal de contas todo amador deve ter o seu orgulhosinho do trabalho effectuado, pelo menos para uso proprio, e depois, olhem: William Shoemaker, que é o edictor da revista "Cine-Kodak News", publicada pela Eastman Kodak Co., diz que são sete os erros que todo amador póde commetter, isto é:

Exposição em demasia.

Pouca firmeza no acto de segurar a camara.

Falta de arte na composição do assumpto.

Falta de exposição.

Inclinação da camara para cima, para baixo ou pra os lados.

Um angulo de camara mal escolhido.

Lentes sujas...

Esses erros, eu sei, precisam ser evitados, mas tambem, si ninguem em casa, no circulo que não é absolutamente de amadores mas sim de curiosos, póde nem ao menos suspeitar da existencia desses mesmos erros, está claro que não irão prestar muita attenção a elles.

A questão toda reside no interesse que o film a ser exhibido irá despertar entre essa platéa intima de curiosos, de parentes, de amigos intimos, e de quatro ou seis amadores convictos no maximo.

Si o assumpto escolhido para ser filmado pelo amador foi um assumpto de familia, isto é, o garoto da irmã mais velha brincando com a mamadeira, o nosso cunhado mudando as fraldinhas do nosso sobrinho de quatro ou oito mezes, ahi o film fará indiscutivelmente successo, mesmo que o amador incinda em algum dos sete erros apontados; mas o successo se restringirá apenas ao circulo da nossa familia e dos nossos amigos mais chegados. Porque o resto ficará bem impressionado, poderá ser, mas nunca será levado por um interesse mais cinematico.

Para se dar isso, é preciso que o assumpto filmado, ou antes, produzido por vocês, minha gente, seja um assumpto de enredo, um assumpto que prenda a attenção. Para isso, a primeira coisa a se fazer é escolher uma historia. Depois, scenarisal-a, depois de submettel-a a umas tantas ou quantas modificações necessarias para quem quem quer ter a pretenção de fazer um pouquinho de Cinema. Depois escolher os typos, e assim por diante. Já vêm pois que vamos cahindo forçosamente na questão do scenario, e é por isso que eu quero entabolar com vocês ums palestrasinha a respeito.

Para se escolher uma historia, um conto ou uma novella de preferencia, eu affirmo a vocês todos que se precisa de muita calma e de muito bom-senso. A novella precisa antes de mais nada estar de accôrdo com os typos de que a gente dispõe; não se deve adaptar o "artista" (A estrella neste nosso caso tem que ser a nossa amiguinha da esquina; o galã tem que ser o estudante de humanidades dali de defronte; e o villão póde ser o sujeito mais pirata que a gente conhecer. E' comico, não ha duvida, mas tambem é assim que se começa...) que nós convidámos para tomar parte na nossa "super" ao typo da historia escolhida, mas sim adaptar o typo dessa historia ao do "artista" que vae trabalhar.

Quantas vezes, digam lá, não se têm visto producções e producções estragadas só porque o nosso artista preferido está "deslocado" ou só porque o "papel não foi para elle"? Isso já é tão sabido que nem vale a pena que eu me preoccupe com o assumpto. Para que, si todos vocês já comprehenderam o alcance do ponto que eu quero attingir? Vamos portanto voltar ao outro assumpto, isto é, como escolher uma novella de accôrdo.

Essa novella tem que ter acção. E' esse o primordial. Sem acção, sem uma suspensão que attraia, sem um climax forte, não se poderá obter um assumpto digno.

Eu, para dizer a verdade, conheço pouco a nessa litteratura; creio que vocês mesmo, guiando-se pelo que eu suggiro, poderão, melhor do que eu proprio, imaginar uma historia adequada. Entre os autores, cujas obras passaram para a téla, e cujos romances e novellas eu tenho nas minhas estantes, posso citar: Mary Johnston, autora de "To Have and To Hold" ("Entre o Amor e a Espada"); Cynthia Stockley, autora de "Poppy" (Papoula Viçosa"); Vicente Blasco Ibañez, autor de "Entre Naranjos" ("Torrent" ou "Laranjaes em Flôr"), "Los Cuatro Jinetes del Apocalipsis", "Mare Nostrum" e "Sangre y Arena"; Sir Arthur Conan Doyle, autor de "Sherlock Holmes" e "The Lost World" ("O Mundo Perdido"); Hall Caine, utor de "The Christian" ("O Apostolo) que a Goldwyn apresentou aqui no Rio em 1920 com Richard Dix no papel principal, e de "The Prodigal Son" ("O Filho Prodigo"); Gaston Leroux, autor de "Le Mystére de la Chambre Jaune" ("O Mysterio do Quarto Amarello") que nós vimos no Cinema Parisiense no anno de 1922, e muitos outros cujos nomes não me occorrem agora.

. . . . . .

Mas para vocês vêrem como é difficil a gente escolher uma historia, uma novella curta que possa attrahir completamente a attenção do espectador, basta um exemplo. Esse exemplo eu vou dar a vocês em fórma de uma historia um pouco tetrica mais bem interessante. Queiram vocês escutar:

"Um homem retrahido, apreciador da solidão do seu Mermaide Club, um typo talvez um pouco exquisito porque não falava com os outros membros do seu club, chega certa noite ao mesmo, para lá passar uma noite; bate a porta.

— Quem é? pergunta o porteiro.

— Sou eu, Clayton; preciso sahir amanhã mais cedo e por isso resolvi passar a noite aqui.

O porteiro attende e leva-o para uma das accommodações que sempre se encontram nesses clubs inglezes. Clayton sóbe ás escadas, depois de ter tomado o seu whiskey e fumado o seu charuto e procura deitar-se; mas, não sabe porque, não sente somno.

Como é natural, senta-se no mapple e procura distrahir-se lendo um livro; mas subito sente a falta de quelquer coisa. Levanta-se para ir ao banheiro apanhar o copo de lavar os dentes, que tinha deixado lá; abre a porta que dá para o corredor e quasi cáe em cima de um vulto transparente, exhitante, sem consistencia definida, que elle vê perfeitamente. Clayton se acha compenetrado em um segundo de que tem em sua frente... um phantasma.

— O senhor é membro do club? indaga.

E depois, lembrando-se que se trata de um phantasma:

— Porque está o senhor aqui?

Neste ponto o phantasma resolve contar a sua historia; e, levado por Clayton para o seu quarto, lá o phantasma se explica. Fôra induzido a vir até o club por causa de ter sido o edificio do club o theatro de uma phase de sua vida; mas tinha sido transportado do mundo dos fantasmas para o mundo humano por meio de passes; e agora, não se recordando exactamente de como eram feitos esses passes, estava numa situação terrivel, sem poder voltar para o seu logar.

Clayton, procurando desvencilhar-se delle, ordena:

— Experimente, então!

O fantasma experimenta e sendo bem succedido, desapparece...

Passa-se a noite.

Pela manhã, chegando outros membros do club, Clayton, ainda emocionado, conta-lhes a sua historia; como é natural, todos recebem-n'a com incredulidade. E então, levado pelo desejo de mostrar aos seus confrades e amigos que não estava mentindo, Clayton procura reproduzir deante dos seus ouvintes os os passos realizados pelo fantasma.

A' proporção que vae realizando esses passes exprimindo uma attenção na physionotoda pallida sobrenatural, fóra do commum; a tensão de espirito é tremenda: os ouvintes, curvando-se para a frente, vão seguindo a série de passes exprimindo uma attenção na physionomia que é a de um terror progressivo; o circulo vae se apertando em torno de Clayton; os ouvintes dão-se as mãos. E então...

No mesmo momento, em que Clayton termina os passes, saccudindo os braços para a frente em um espasmo typico, seja por causa dos encantamentos, seja por causa de uma apoplexia fulminante, elle muda de expressão, torna-se rigido, cambaleia, e cahe deante dos seus ouvintes... morto".

Esta historia que vocês acabam de ouvir é a "Historia do Fantasma Inexperiente" da autoria de Henry G. Wells; não ha duvida, isso é indiscutivel, que a historia tem muito interesse. O "climax" é de uma contextura realmente attrahente. Quem não se sente attrahido por uma historia dessas em que um homem, pretendendo provar uma coisa tomada pelos seus ouvintes como um conto de fadas, cáe deante delles realmente... morto?

GEORGE K. ARTHUR TAMBEM E' AMADOR DE CINEMA

Mas... e aqui chega o ponto em que eu quero tocar: onde está o elemento amoroso? Onde está temperc in dis pen sa vel em todo film cinematographico? E' preciso introduzil-o, forçosamente; e, dahi, a questão do tratamento artistico, para depois então se entrar no scenario.

Aliás eu tomei essa historia do "Fantasma Inexperiente" apenas como exemplo, porque está visto

(Termina no fim do numero)

LIA TORA'...

A LEGIÃO

(THE FOREIGH LEGION)

Richard Farquhar ou
John Smith ..NORMAN KERRY
Coronel Dustinn, pae
de Richard .. .. ..LEWIS STONE
Sylvia .. ..MARY NOLAN

Antes de iniciarmos a nossa historia, convém explicarmos que a Legião Extrangeira a que nos reportamos é uma instituição militar franceza existente nas colonias desse paiz na Africa, em cujas fileiras podem alistar-se homens de qualquer nacionalidade.

Por esse motivo, os elementos que a compõem são muito heterogeneos e constam de membros da alta sociedade que por motivos varios, se viram forçados a abandonar a patria, como sejam: desgostos intimos, ruina financeira, reputação manchada, etc. Em outras palavras, aquelles que não tinham vocação pelo habito monastico sentavam praça nesta corporação. Além desta classe de pessoas, encontram-se representantes das demais classes sociaes, assim como os extrangeiros que, desejando a naturalisação franceza, fazem o o serviço militar nas colonias. Devem ter sido desgostos intimos que fizeram com que Jahn Farquhar, membro de destaque da sociedade londrina, abandonasse o brilhante circulo das suas relações e o bem estar de uma vida de abastado, para arrostar os perigos e inconvenientes da vida de soldado em terras inhospitas e de clima torrido. Como não pudesse levar o filhinho Richard, por estar em mui tenra idade, deixou-o entregue aos cuidados de um amigo sincero com a recommendação de que quando crescesse não lhe desvendasse o rumo seguido pelo pae.

A unica recordação que levava do filho era uma photographia, ficando outra em poder do amigo.

Homem de uma energia a toda prova, brioso e cumpridor dos seus deveres, Farquhar, que sentára praça na Legião Extrangeira sob o nome de Dustinn, não tardou em obter as insignias de official e, na época em que se desenrolam grande parte dos acontecimentos que vamos narrar, era coronel commandante de um batalhão.

EXTRANGEIRA

FILM DA UNIVERSAL

Gabrielle .. ..JUNE MARLOWE
Capitão Arnaud ..CRAWFORD KENT

Direcção de EDWARD SLOMAN

Por sua vez, o seu filho Richard, que herdára as qualidades do seu progenitor, já era homem e tornára-se um brilhante e garboso official do exercito britannico.

Não podendo fugir á regra geral da humanidade, apaixonou-se. A sua namorada chamava-se Sylvia e jurára-lhe fidelidade eterna quando Richard recebera ordem de partir para cumprir uma missão que levaria cerca de tres annos, promettendo esperar a sua volta para ser sua esposa. Ai, da inconstancia das promessas femininas! Quando Richard regressou soube por Gabrielle, irmã de Sylvia, que ella se havia casado com um certo capitão Arnaud.

No decurso de uma festa em casa de um dos superiores de Richard, Sylvia encontrou-se com este no jardim e, estando a sós, confessou-lhe que fôra bastante castigada por ter sido perjura e que não era feliz com o esposo; que sentia ainda a sua paixão antiga e que nunca poderia dispensar a sua protecção. No fim desta entrevista, quando Richard atravessava uma das salas vazias da casa, surprehendeu o marido de Sylvia a remexer os papeis de uma gaveta, que continha documentos de grande importancia estrategica, no intuito de apoderar-se dos mesmos. A sua subita apparição impediu que este crime se perpetrasse, pela tentativa do qual Richard verberou asperamente aquelle que o queria praticar. Nisto surgiu o dono da casa, que vendo os papeis esparsos sem comtudo ter ouvido a conversa, exigiu explicações. Richard não quiz denunciar o culpado, para que a deshonra não recahisse sobre a esposa deste, que elle ainda amava apaixonadamente e, por isso, num rasgo de abnegação rara e sublime, assumiu a responsabilidade do delicto, dizendo: "o capitão Arnaud está achando diffi

(*Term. no fim do numero*)

LORETTA YOUNG

DORIS DAWON

O que se exhibe no Rio

ODEON

UMA AVENTURA REAL — (Zelnich Film — Producção de 1927 — (Prog. Serrador).

Um film luxuoso, desenrolado em palacios e jardins, com as suas personagens mettidas em roupas caras, bonitas, cheias de bordados, de galões e de arminhos. Mas é só. Todo o seu "valor" pára ahi. A direcção não fez nada. A gente tem á impressão de estar assistindo a uma dessas operetas horiveis. E' o typo do film para ser falado...

Lya Mara não é feia. Entretanto, não tem personalidade. E depois, isso de salvar um film, mesmo quando nada presta, é só para as Dolores e as Claras... Lya Mara é a mais fraca das Lyas do Cinema. Ella nunca irá para os Estados Unidos... Harry Liedtke deve ser um dos membros de maior destaque da listinha do O. M. Dos outros nem é bom falar...

O final é horrivel. E' tal e qual um final de revista theatral. Muita gente, movimento, archotes, etc. Que lastima! E ainda ha quem ache os films americanos burrissimos...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

GLORIA

SUA ULTIMA AVENTURA DE AMÔR — (Ufa) — Producção de 1928 — (Prog. Urania).

Mais uma comedia allemã baseada na velha e exploradissima situação do casal que finge não ser casado.

Os mesmos equivocos, as mesmas situações de sempre. E tudo isto temperado com os elementos caracteristicos da comedia allemã — malicia e theatralidade. O mais resume-se no luxo das montagens, no gosto das "toilettes" e no belleza e elegancia de Vera Schmiterloew. A photographia é a mesma e magnifica photographia dos modernos films da Ufa. Nota-se a preoccupação, nos ultimos films da marca allemã, de fazer desapparecer a sombra dos interpretes nos interiores diurnos.

Gustav Froelich, o heroe de Véra, não é detestavel, mas é um digno companheiro de George Meeker, da Fox. E Carmen Boni? Custa-me a crêr que Genina a tenha considerado a maior descoberta do Cinema europeu! E' uma mulherzinha commum, vulgar, sem "it"!

Cotação: 5 pontos. — P. V.

PATHE' - PALACE

A MULHER NÚA (La Femme Nue) — Nathan — Producção de 1928 — (Prog. Marc Ferrez).

Os francezes acham desnecessaria a profissão do scenarista. Desnecessaria e humilhante para o director. De accôrdo, em parte, quando se trata de um Von Stroheim ou King Vidor. Mas nunca, em hypothese nenhuma quando se tratar de uma nullidade como Leonce Perrett. Qualquer das meninas que preparam scenarios, nos Studios de Hollywood, faria de "La Femme Nue" uma adaptação pelo menos razoavel. Leonce Perrett fez da obra de Bataille um film cacete, ridiculo e imperfeitissmo. Elle errou em tudo. Desde a escolha dos typos até á direcção propriamente dita. Não soube imprimir o sopro da vida através dos recursos do Cinema. Falhou completamente.

Toda a extraordinaria belleza do livro desappareceu. O seu thema maravilhoso mal apparece no amontoado de scenas inuteis que é este film. O thema e as bellas situações que arma. Tudo Leonce arruinou. Nita Naldi está horrivel. Gorda, pesada, representando pessimamente, é tal qual uma "vampiro" de fita comica de ha vinte annos. Louise Lagrange, mal maquillada, é a unica que tem geito no elenco. Ivan Petrovitch anda para lá e para cá o film todo, sem saber o que fazer. André Nox, horrivel, detestavel!

O film só tem montagens e bôa photographia. O resto nada vale.

Leonce Perrett é o peor director do mundo. Não lhe faltaram recursos. Isto é, só para contrariar os que achavam que o Cinema americano só vencia pela abundancia de recursos.

Qua!! Eu acho que a Europa precisa de uma Missão cinematica brasileira...

Cotação: 4 pontos. — P. V.

LYRICO

A QUÉDA DA MONARCHIA AUSTRIACA — (Prog. Kauffman).

Antes de mais nada o titulo nada tem a vêr com o assumpto do film. E' uma historia de pequeno valor psychologico, que não encerra estudo de caracteres o mais superficial, nem analysa factos, cinematographicamente. E' apenas uma narrativa mal feita de acontecimentos que se deram com figuras da côrte de Vienna.

A censura liquidou muitas scenas. Talvez até tenha cortado o que de mais valioso existia no film. As scenas nocturnas da busca da policia de costumes, por exemplo, são bôas. Os typos não foram bem escolhidos. Alguns até estão na mais absoluta contradição com os papeis que interpretam. As montagens, umas são amplas e luxuosas, outras deficientes, mas nenhuma é photogenica. As figuras principaes são vividas por Robert Walberg, Anny Ondra, Diana Menetta, Anna Kalnia, Elfrielde Noeslin, Willy Faller, Fritz Ley e outros.

Karl Leiter dirigiu mediocremente.

Si vocês se interessam pela sorte das joias da coróa austriaca...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

CENTRAL

VENDO O CHINA (Chinatown Charlie) — First National — Producção de 1928 — (Prog. M. G. M.)

Mais uma comedia de Johnny Hines. Não é das melhores, mas diverte razoavelmente. Os "gags" não são dos melhores, e na sua maioria são conhecidos. E' uma mistura de melodrama, com bons lances de emoção, é comedia de "gags". Como vocês, sabem, os films de Johnny só podem agradar inteiramente aos seus "fans". Tudo nelles depende da personalidade sorridente e do bom humor de sua principal figura. Os que o não conhecem um pouco mais do que o simples conhecimento de um ou de dous films, só em casos excepcionaes poderão gostar de seus films. Aqui mais uma vez Johnny confirma isto tudo. E' elle o principal attractivo do film. Louise Lorraine, com aquelles seus olhos que já contemplaram a Guanabara, é a heroina. Harry Gribbon faz umas graças que feitas peo Eddie duplicariam de valor. Antigamente o Eddie é que era o irmão do Harry. Hoje é o contrario... Sojin, George Kuwa, Anna May Wong e toda a China tomam parte. Fred Kohler prega uns sustos...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

PARISIENSE

QUANDO A MULHER QUER (The Million Dollar Handicap) — Producers Distributing Corporation — Producção de 1926.

Mais uma corrida de cavallos que muda destinos, corrige defeitos e resolve difficuldades. O "plot" é dos mais velhos. E o film já tem os seus dous annos de idade... Mas a adaptação de F. Mc Grew Willis imprimiu interesse e um certo "suspense" no final, na corrida. E Scott Sidney soube variar e distribuir bem a comedia e o melodrama, de modo a compôr um todo agradavel e capaz de divertir os pouco exigentes.

E depois, caros leitores, Vera Reynolds é bem interessantesinha... A gente até desculpa a sua pouca habilidade como artista... O Edmund Burns não é dos mais sympathicos heroes. Em todo caso ainda não entrou para a famosa lista de O. M. Ralph Lewis é um "pae" photogenico... E o Tom Wilson é do outro mundo para fazer a gente rir. Ward Crane, Clarence Burton e Lon Poff apparecem.

Façam apostas na sequencia da corrida...

Cotação: 5 pontos. — P. V.

RIALTO

O GALANTE CONQUISTADOR (A Certain Young Man) — M. G. M. — Producção de 1928 — (Prog. M. G. M.)

Este film foi produzido ha dous annos e só agora, ha poucos mezes, os seus productores tomaram coragem e resolveram exhibil-o: Francamente, eu já tenho visto films peores "released" sem tantas cerimonias. A versão da mesma historia já apresentada pela Paramount — "Um Gentilhomen de Paris" — era infinitamente superior. A Paramount fel-a para a figura e o temperamento de Menjou. E o resultado foi mais uma deliciosa e fina comedia do insuperavel elegante. Imaginem vocês agora o que poderia fazer a M. G. M. dando ao romantico e espiritual Ramon Novarro um material que só Menjou poderia dar fórma.

Felizmente Donna Bell e Hobart Henley comprehenderam a coisa a tempo e logo no principio do film Ramon fica sem monoculo, sem cartola e sem bigode.

Felizmente! Porque até então elle está visivelmente atrapalhado. A ponto de parecer ridiculo. E depois a reforma do scenarista e do director não ficou só ahi. Foi mais além. Depois de mudar habilmente o caracter do heroe, modificaram completamente o curso da historia. Transformaram-n'a até tornar-se adaptavel ao Ramon Novarro que todos conhecem.

E tudo melhora. Ramon torna a ser Ramon. Ha romance e belleza em todas as sequencias. E Hobart Henley fica mais a vontade.

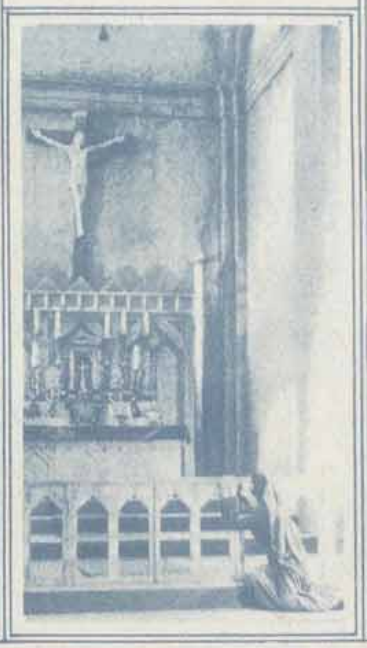
O film não tem dramaticidade. E' demasiadamente leve. Mas está bem tratado. Diverte plenamente.

Ramon como elegante "a la Menjou" é simplesmente detestavel. Quando tira o bigode e os outros enfeites, porém, principia a trabalhar como sempre. Marceline Day tem um desempenho muito sincero. Ella é sempre muito sincera... Carmel Myers é a sereia. Ella continua a tentar Ramon mesmo fóra de Antiochia... Renée Adorée tem um pequeno papel que não a recommenda absolutamente. Bert Roach faz um pouco de comedia, representando um papel sério. E Huntley Gordon é um pae mais elegante do que o elegante Lord que Ramon vive nas primeiras partes.

Podem vêr. Escrevam a M. G. M. pedindo melhores historias para Ramon Novarro.

Cotação: 6 pontos. — P. V.

MARY PHILBIN



NORMA TALMADGE

MARY ASTOR

MARGARET MANN

VILMA BANKY

RAMON

NA NOITE EM QUE NOSSO SENHOR ANDA NA TERRA...

RAMONA

BAZZ BARTON E SALLY BLAINE

ETHLYN CLAIRE E TOM MIX

L E N A
M A L E N A

D O R O T H Y
J A N I S E
D O L O R E S
B R I N K M A N

JOSEPHINE NORMAN

Natal em Hollywood

MARIE PREVOST JEANETTE LOFF

GWEN

LEE

NATALI

LORETTA YOUNG

VIRGINIA
BROWN
FAIRE

ALICE
WHITE

O Desenvolvimento do Cinema de Amadores no nosso PAIZ

A Questão de Scenario

(F I M)

que ella não serve para os fins de um amador; ella exige o truc da dupla exposição, e isso não é qualquer um que póde fazer, e logo com uma camara de amadores.

Esse tratamento é a cousa mais seria que existe na scenarização. Si não se tomar muito cuidado com isso, ha de apparecer na historia umas discordancias, umas faltas de uniformidade, umas incoherencias que irão forçosamente derrubar toda a unidade do enredo. E depois... é preciso não introduzir typos extranhos em demasia.

Esse trabalho é a cousa mais seria que se possa imaginar. Para exemplo, basta recorrer aos conselhos de Dorothy Farnum. Quem não conhece Miss Farnum? Para aquelles que não se recordam dos films cujos scenarios Miss Farnum tem preparado, basta fazer notar "Laranjaes em Flôr". Miss Farnum, dirigindo-se aos amadores e suggerindo alguns conselhos de utilidade geral, assim se explica:

"Seja visual. Faça de modo com que, escrevendo o scenario para o seu film, nunca se afaste do facto de que, no Cinema, toda idéa, toda emoção, e todo pensamento têm que ser suggeridos ao observador por meios inteiramente visuaes. Experimente cada scena que acaba de escrever dizendo para si mesmo: Si fosse eu proprio que tivesse que desempenhar esta scena, mettido no papel deste ou daquelle fulano, poderia eu comprehender o que deveria fazer. E por que?

E' preciso que a sua historia seja arranjada de modo que se desenvolva naturalmente á proporção que cada scena se fôr apresentando. O maior perigo é voltar atrás, suggerindo recordações, voltas a qualquer acção já descripta, retrocesso no tempo, etc.; tudo isso atrasa o movimento da historia e precisa ser eliminado. A continuidade de um film deve ir progredindo, de uma ponta á outra sem um unico retrocesso no tempo. No entanto, a duração, a variação de cada tempo relativo a cada scena deve estar de accôrdo com o thema de cada scena em separado. E' preciso que a historia não seja monotona.

E depois é preciso que haja unidade. Por unidade, não só se entenda a unidade no enredo, mas tamebem a unidade nos propositos, no thema, e o que este encerra. E' preciso que o film não saia muito pesado. Por exemplo, é um erro gastar muita metragem com sequencias sem importancia; cada scena fundamental deve ser tão breve quanto exija a pungencia da expressão a ser transmittida ao observador pelo interprete; e depois, cada detalhe deve estar directamente ligado á base, aos propositos da historia que se quer contar.

Uma historia, para ser bem succedida, precisa ter attração em si mesma, e apresentar um interesse todo elle humano. Eu suggereria que todos, profissionaes ou amadores, procurassem sempre os enredos e os themas os mais simples possiveis. Supponhamos que você é um enthusiasta do golf. Conhece todos os aspectos, graves ou humoristicos, do velho jogo. Eis um bello ponto, em roda do qual tecer o enredo para o film. Pense em uma historia de amor passada nos campos de golf, escreva o scenario, misturando-o com um pouco de humor e de exaltação, e prompto!

Mas, quando se dispuzer a filmar esse scenario, é preciso não se esquecer de que nem tudo o que um profissional póde produzir, um amador tambem o póde! D'ahi, tudo quanto se relacione com trucs e technica profissional deve ser evitado o mais possivel. E'preciso não se esquecer de que os operadores profissionaes tem sempre liberdade para todas os considera-sempre ás suas ordens.

E no entanto o amador não deve temer. Temer o que, si o amador tem sempre a liberdade de filmar novos assumptos, sem a preoccupação de saber si esse novo assumpto, filmado de um modo ou de outro, irá agradar ou não ao seu publico? O profissional está sempre preoccupado com o seu publico, porque é delle que o profissional depende. Mas o amador, esse não! O amador não póde fraquejar. O temor de uma scena não ter sido bem apanhada, isso é imperdoavel n'um amador. O amador tem sempre liberdade para todas as considerações de ordem artistica, sem se precisar incommodar com as de ordem commercial.

A contrario do que se possa pensar, isso é uma vantagem para o principiante na cinematographia de amadores..."

Eis ahi as palavras de Miss Farnum.

Será preciso ajuntar mais alguma cousa?

De Fome á Fama

(F I M)

A offerta era valiosa e tentadora. Mas Jack não estava pelos autos. Quando dois namorados começam a brigar, não ha nada que impeça a série de desavenças que se seguem. Mary encolheu os hombros com fingido desprezo e foi dar a resposta a Murray: sim, ella era livre de fazer o que quizesse, dansaria, sim, com elle! Jack enguliu as lagrimas de despeito e raiva que lhe brotavam dos olhos e tratou de esquecer aquella ingrata. Um contracto tambem, lhe appareceu, poucos dias depois; precisava, porém, elle, de uma companheira que o ajudasse nas suas curiosas magicas, nos seus "trucs" estupendos, e, assim, teve de arranjar uma nova "partner", interessante de cara e corpo, mas cuja inhabilidade ficou desde logo provada. Jack coçava a cabeça, desanimado. A rapariga estragava-lhe tudo, não tinha a gilidade nem a presteza de Mary e o numero já não alcançava o mesmo successo.

Mary, por sua vez, achava-se descontente com o seu novo "partner", que não se contentava com as scenas amorosas que representavam no palco, querendo tornal-as uma realidade, cá fóra... E, quando Madison, restabelecida, voltou do hospital, a moça, farta já daquelles aborrecimentos constantes, dirigiu-se a Murray:

— Olhe, Murray, eu vou-me embora. Você póde se queixar á vontade. Mas eu estou farta desta vida, de você, de tudo. Além disso, morro de saudades de Jack e tenho medo que elle me tenha esquecido...

Murray botou as mãos na cabeça:

— Não faça isso, rapariga! Pois então você vae me fazer uma coisa dessas? E o contracto que você assignou?

— Ora, Madison já está bôa e ella dansa melhor do que eu. Além de tudo eu estava apenas substituindo-a.

E não houve nada que a fizesse ficar.

Chegando á pensão, onde pensava encontrar Jack, informaram-lhe que elle se estava exhibindo numa cidade proxima. Mary não hesitou. Iria buscal-o á China, se preciso fosse. E, chegada á pequena cidade vizinha, seu primeiro cuidado foi procurar a "partner" de seu amado e metter-lhe medo, por uma destas maneiras em que as mulheres são tão ferteis quando amam. E mesmo quando não amam. E naquella noite, quando, sob os olhares ávidos de um publico immenso e curioso, Jack estendeu a sua varinha magica para o ponto do palco de onde deveria surgir a sua companheira, a figurinha que surgiu foi a da encantadora Mary, sorridente e tão linda, que arrancou enthusiasticos applausos da platéa. Jack pensava sonhar. Chegou a duvidar se seria mesmo um magico de verdade. Mas era bem a sua Mary que lhe sorria deliciosamente. Trazia o seu vestuario do costume, o mesmo penteado que usava em scena e o mesmo gesto sereno e encantador. Jack julgou enlouquecer. E, perdendo completamente a noção do logar em que se achava e das circumstancias, tomou-a entre seus braços, beijando-a doidamente. O theatro quasi veiu abaixo com os applausos que se fizeram ouvir. Aquillo era um numero interessante e novo! E que optimos artistas! Além de serem excellentes magicos, quanto fogo, quanta juventude naquelle abraço tão bem ensaiado! O director do theatro exultava e esfregava as mãos de contente. As flores chegavam. Os jornaes gemiam. E o grande contracto, que elles tanto haviam esperado e para o qual tanto se haviam esforçado, veiu, afinal, á vista daquelle esplendido successo: quereriam elles representar no Palace Theatre?

ESTHER RALSTON E O SEU CHAPEUZINHO DE NATAL...

Mas todo este magnifico exito chegava aos ouvidos dos dois felizes namorados como o barulho do mar longinquo, estirando-se na praia, chega aos ouvidos dos que se perdem, lá no alto, pelas montanhas... Poderiam casar-se, agora que um optimo e valioso contracto lhes abria as portas de New-York e da fama.

Mas estavam demasiado felizes para poder pensar em gloria...

L. L. C.
(Especial para Cinearte)

PAPAE SOLTEIRO

(FIM)

podia encontrar para marido um director?..." E assim corre o disse-que-disse, que na maioria dos casos é apenas producto da imaginação alerta, tão necessaria á arte de fazer Cinema.

Nessa altura, Claire Windsor deveria talvez ter-se precavido contra a insidia subtil dos commentarios. Ella sabia perfeitamente o que significa tornar-se uma pessoa assumpto das conversas em Hollywood.

Noventa por cento das suas desavenças com Bert Lytell foram obra dos mexericos maldosos que bons amigos sopravam nos ouvidos do seu marido ao regressar este de uma ausencia de cinco mezes.

Mas Claire habituara-se a gostar verdadeiramente de Buddys, um typo de mocidade sadia, immaculada e viçosa. Buddy não bebia, não fumava, nem tentára, jamais, leval-a a festas orgiacas. E Claire é uma das raparigas de Hollywood que sempre se sentiram intimidadas em taes "farras."

E Buddy gostava de Claire. Ella era a fonte dos seus conhecimentos sobre o Cinema, a sua inspiração para a realização do melhor. Além disso, elle repellia, como espirito viril, a idéa de abandonar uma amizade simplesmente por acharem os estranhos que assim devia elle proceder.

Mas esses conselheiros não faltaram, e ás centenas. Os jornaes, os magazines intrometiam-se com a sua vida; todo o mundo lhe dizia que elle arruinaria a sua carreira si se deixasse levar á frequencia demasiada de uma mulher.

A Claire, insinuavam os mexeriqueiros: "Minha querida, elle é tão creança! Por que razão, uma pessôa da sua posição iria perder tempo com um rapaz que mal inicia a sua carreira?"

Depois entrou em scena o pae de Buddy, affirmando os filhos da Candinha que elle viera a Hollywood para acabar com os amores do filho com Claire Windsor.

Isso podia ser ou não ser exacto, mas certamente o pae de Buddy, ao chegar de volta á sua casa, leu taes noticias.

Alguns dias antes do Anno Bom, Claire e Buddy se encontraram, trazendo cada um a sua lista de mexericos. "Não ouviu você dizerem isto?" "Disseram-me que se falava isso". Eram tantos os aborrecimentos, que ambos resolveram que talvez fosse melhor sacrificarem o seu amor no altar do mexerico. O reveillon do Anno Bom, no Mayfair, deveria ser a ultima noite da sua boa companhia.

No dia seguinte, Claire deixava Hollywood. Appareceu-lhe em casa um rapaz, perguntando-lhe pelo endereço de Buddy. Ella disse onde morava Buddy, e este, pouco depois, era informado dos aprestos de partida de Claire. Buddy não perdeu tempo e alcan-

Uma vez um perú chegou a Gwen Lee, piscou-lhe o olho e elle cahiu morto. Então, Aileen Pringle foi preparal-o, mas Lew Cody acha que já está cheio de perús e que como o leão da M. G., elles não servem mais nem para palpite. E acabou-se a historia do perú que pagou o pato. Eu sou fatalista, mas acho que o perú e o porco são os unicos que morrem na vespera... na vespera de Natal...

çou Claire no trem em Glendale, suburbio de Hollywood.

"Isso está tudo errado, Claire!" terá exclamado Buddy. Mas Claire continuou o seu caminho. Quando ella regressou, seis mezes mais tarde, ei-los de novo a serem vistos juntos em toda parte.

Uma outra noite, talvez seis mezes depois, nova decisão de fazer cessar os interminaveis boatos de que elles continuavam a ser victimas. Foi isso á porta da casa de Claire, dentro de um automovel que ali estacionava. Era já noite avançada, e a luz resplendia lá no alto.

"Está mesmo tudo acabado, Claire?"

"Sim, Buddy!"

"Temos sido tão bons camaradas; você fez tanto por mim, ensinou-me tanta coisa a respeito do Cinema..."

"E você, Buddy, quanto tem sido bom para mim!"

Guardaram silencio um momento. Quanta coisa lhes passava, por certo, no espirito naquelle instante! Quão gratas recordações das horas vividas juntas, dos doces momentos de intimidade affectuosa!

Mas Hollywood não comprehende que uma mulher de trinta annos possa dar o braço de esposa a um rapaz de vinte e quatro, e dahi a matilha furiosa dos mexericos e maledicencias que tres vezes seguidas estraçalhou os liames de uma amizade affectuosa.

Entretanto, é tão bom dar essas coisas por acabadas, para depois voltar...

A Personalidade de Madge Bellamy

(F I M)

necem com romances adocicados. A sua estréa na Broadway fez-se aos quinze annos, na opereta "The Love Mill". O seu papel carecia de importancia. De resto a peça fracassou.

Ella usava então o seu verdadeiro nome: Margaret Philpott. Um anno mais tarde, uma rapariga de nome Madge Bellamy despertava boa somma de attenção com o seu trabalho em "Dear Brutus". Fôra Daniel Frohman que lhe dera o seu novo nome.

Em 1920, Geraldine Farrar, depois de deixar a antiga companhia Goldwyn, fez um film em New York. Madge trabalhou nesse film: foi a sua ida para a California, onde, depois de tres annos, ella se fazia artista da Fox.

Desde principio Madge começou a ter toda sorte de papeis, pois que elles a sabiam capaz de dar vida a qualquer papel. De ordinario ella interpretava papeis de menina boazinha, de cabellos em cachos sobre os hombros e olhar innocente. Aquelles que não a conheciam, suppunham que ella fosse realmente como a mostravam algumas das suas interpretações da téla. Varios criticos atacaram-na, dizendo que era realmente bonita, mas estupida. Mas quando chegou a hora de "Sandy" o nome de Bellamy flammejou por todo o paiz como uma chamma viva.

Ella vem de realizar novamente um grande trabalho, no papel de "Sally Quail" do film "Mother Knows Better". Esse trabalho será ainda mais apreciado do que "Sandy".

Informa Bellamy que a Fox não tinha nenhuma confiança no exito desse film, cuja historia fôra adquirida por Sheehan, e que este ultimo descansava inteiramente nella para ajudal-o a provar que a razão estava do seu lado e não com a Fox.

"Nessa historia ha muitos quadros reaes da vida de theatro, e o film deve interessar a muitas raparigas que tiveram sua vida arruinada por mães egoistas.

O direito de direcção despotica dos paes é é thema ali muito debatido".

"Creio, continúa ella, que muita gente vive erradamente a vida. A tradição nos impõe os seus dictames, porque nós assim o entendemos. Quanta gente não tem a sua existencia arruinada pelos costumes e circumstancias.

E' difficil libertar-se uma pessoa de taes injuncções.

Quando estive em Paris, ha dois annos, uma das coisas que mais me impressionaram foi uma esplendida representação do "Cyrano de Bergerac", de Rostand.

Chorei varias vezes no correr do espectaculo, mas especialmente no quarto acto, quando Cyrano evoca para os seus companheiros gascões como elle a imagem da terra commum a Gasconha, emquanto um velho soldado toca na sua flauta. Todos elles ficam commovidos e cheios de saudades do paiz natal.

(Termina no proximo numero)

O Unico Amor de Charlie Chaplin

(FIM)

Os seus outros filhos amavam-na muito, mas Charlie era o preferido. O seu coração de mãe, por certo, adivinhava que este é o que havia sido maltratado pela Vida.

Nas suas ultimas horas de vida ella cahiu em estado de inconsciencia, e as enfermeiras não quizeram que Charlie a visse.

Chaplin tem verdadeiro horror á morte e acceitou o conselho das enfermeiras. Mas a cerca de uma milha do hospital, virou o automovel e voltou. Ao entrar no quarto da enferma, ella abriu os olhos, reconheceu o filho e estendeu o braço, agarrando-lhe a mão. Talvez que naquelle momento — quem sabe? — ella não viu deante de si o famoso comico que tem semeado o riso por toda a face da terra: não viu, talvez, o homem de cabellos grisalhos e rosto fatigado, mas o garoto maltrapilho, de cabellos pretos annelados, a lhe trazer orgulhoso a mão cheia de pennies que ganhára dansando a giga e fazendo graças para o publico rir.

Cinema Brasileiro

(F I M)

afinal fazer films. Este é o primeiro. Foi começado por José Pedro, e não passava de uma comediasinha em duas partes. Com a entrada de Remo Cesaroni foi todo modificado, e está sendo refilmado para cinco rolos. Assistimos no salão de projecção da S. Paulo Ideal Film varias scenas. Fez-nos lembrar aquellas primeiras comedias da Pathé... Lola Morena é heroina, secundada por Elisa Schumachea, Lola Streoff, Tuffy Safady, Severino Ventura e José Rodrigues, substituido pelo proprio Remo Cesaroni. O operador é Victor del Picchia, já se sabe...

Vamos aguardar outro film apresentado por Manoel Bosia, que passa a ser agora um dos productores paulistas...

Sómente no ultimo dia de nossa estadia em S. Paulo, foi que pudemos encontrar Francisco de Simone. Mesmo assim, todo enrolado em ataduras. Simone foi victima de um desastre de automovel na estrada Rio e S. Paulo, quando nos vinha surprehender com os primeiros photos de "O Triangulo da Morte" que tinha quasi terminado. Esteve no hospital quasi desenganado com varias costellas partidas, além de fortes contusões. Já está melhor agora, mas ainda não póde recomeçar o trabalho por emquanto. Além de director do film, Francisco de Simone é tambem o seu principal interprete. Irene Rudner, aquella interessante artista do "O Descrente" é a estrella e Alberto Perle fecha o triangulo.

O trabalho de "camera" esteve entregue a Adolpho Haldi, passando depois, por motivos commerciaes, a ser feito por Antonio Medeiros, um dos operadores que promettem em S. Paulo.

Temos esperança neste film, principalmente se Simone se recordar das restricções que fizemos ao seu primeiro trabalho da Victoria Film.

Outros films ainda estão sendo feitos, como "Tiradentes" da E. N. A. C. Film, "A Maior Força" da Netum, além de preparativos de filmagem da "Escrava Isaura" pela Kosmos, que será dirigido por Francisco Madrigrano e terá Antonio Medeiros como operador, e um film da Hélios, ainda sem titulo, que marcará a volta de Menotti del Picchia ao Cinema. Sobre estes trabalhos falaremos mais demoradamente nos proximos numeros.

Marinheiros em Terra

(F I M)

Ha verdaleira surpresa na sala. Os circumstantes olham-se com espanto. E o juiz, mudando de opinião, toma a palavra:

— Em logar de você merecer protecção das autoridades, diz elle a Clarisse, estes rapazes é que deviam ser avisados para que se previnam contra mulheres do seu calibre! Está encerrado.

(Termina no fim do numero)

A Legião Estrangeira

(F I M)

cil contar-lhe a verdade. Elle me surprehendeu saqueando a sua caixa de documentos". O dono da casa quiz conhecer os motivos que levaram Richard a praticar uma acção tão indigna e este, continuando a sua mentira generosa, accrescentou: "Eu estou muito endividado e esperava pagar tudo com o producto da venda dos documentos". Como julgasse que não houvesse outras testemunhas do facto, que aliás não chegara a consumar-se, o dono da casa pediu segredo ao capitão Arnaud e recommendou a Richard que pedisse a sua exoneração do exercito. O dono da casa, porém, se enganara. Houvera outra testemunha que vira e ouvira tudo. Era Gabrielle, irmã de Sylvia, que amava Richard occultamente. Para satisfazer o pedido do seu superior, que era o amigo a quem o pae de Richard o entregara, pediu a sua demissão e partiu para a Africa afim de alistar-se na Legião Estrangeira.

Sentou praça sob o n.º 4005 e com o nome de John Smith, justamente no batalhão commandado pelo coronel Dustinn. O destino caprichoso havia desta forma posto o pae e o filho em presença um do outro, sem que o soubessem. Antes de partir recebeu o seu retrato quando criança, sem comtudo ser informado do fim que o pae levára.

O coronel Dustinn organisara umas manobras, das quaes fazia parte uma marcha forçada de cincoenta kilometros através de um trecho do Sahara, marcha essa que elle se compromettera a realisar em vinte e quatro horas.

Sob a inclemencia de um sol abrazador, cujo esplendor cegava os homens, o coronel Dustinn, á frente do seu batalhão, pisava firme e alteroso aquellas areias candentes sem esmorecer um só instante e, para que as praças pudessem melhor resistir ás fadigas, mandara que entoassem hymnos patrioticos.

No fim de seis horas seguidas de uma marcha estafante, o sargento lembrou a conveniencia de permittir que os soldados descansassem, com que o coronel Dustinn concordou. No fim de dez minutos, porém, querendo completar a marcha no prazo marcado, o coronel ordenou que as tropas se puzessem de novo em marcha.

Quando o sargento objectou que o descanso não fôra sufficiente, o commandante das forças retrucou: "Emquanto os nossos homens não mostrarem resistencia igual á dos nossos inimigos, estaremos a mercê delles".

Dada a ordem de marcha, um dos homens não pudera erguer-se e John Smith se mostrara insubordinado por considerar o procedimento do coronel deshumano. O commandante, por isso, mandara que puzessem o mollengo em uma das carretas e que o soldado Smith se considerasse preso e continuasse a marcha sob escolta.

Findas as manobras com a entrada das tropas em Sidi-bel-Abes, onde estava o quartel general da Legião, ali esperavam o coronel, o capitão Arnaud com a esposa e a cunhada, que acabavam de chegar da Inglaterra. Feitas as apresentações, os recem-vindos viram Richard, estranhando não sómente que elle fosse soldado raso, como de estar sob escolta. A Gabrielle, que se approximara delle, pediu muito que não desvendasse quem era.

Corriam as cousas normalmente, quando um dia o coronel recebeu communicação que se déra um levante dos arabes ao norte. Era preciso encontrar um official de coragem, que quizesse commandar as tropas que teriam a missão extremamente perigosa de debellar esta revolta. A occasião parecia excellente a Sylvia para afastar o marido, que estorvava a sua conquista do coronel, por quem se sentia attrahida. Por isso, argumentando com o esposo, como só a astucia e a argucia de uma mulher apaixonada o sabe fazer, sobre as grandes honras a conquistar e o prestigio a adquirir com a acceitação dessa incumbencia, acabou por perguntar-lhe: "Não queres ir, querido?".

Tantas fez, que o capitão Arnaud, como aliás todos os maridos o teriam feito acabou cedendo aos desejos da esposa.

Antes de partir para essa empreza arriscada, a guarnição quiz homenagear o capitão Arnaud pela sua bravura, organisando para isso uma festa imponente e um grande baile em sua honra. No decorrer dos festejos Sylvia aproveitou um momento opportuno para ter uma entrevista com Richard, sendo esta presenciada pelo marido, que se achava occulto nas immediações.

Depois de se terem separado, o capitão Arnaud approximou-se de Richard a quem interpellou nos

C H U C A C H U C A . . .

seguintes termos: "Estou a suspeitar que estás procurando renovar as tuas attenções para com a minha mulher. Madame Arnaud gostou de ti em outros tempos e por minha vez devo-te um grande sacrificio, mas não estejas agora a contar com a gratidão de Sylvia e querer aproveitar-te della!"

Este discurso de tal maneira offendeu os brios de Richard que não se conteve e avançou para castigar o capitão como merecia. O alarido attrahiu a attenção do coronel e como, em presença deste, Richard se conservasse mudo, o capitão, para encobrir o verdadeiro motivo da rixa, não teve escrupulo em mentir, dizendo que fôra obrigado a reprehender o soldado por falta de respeito e que por isto havia soffrido uma aggressão da sua parte. Como Richard não repellisse a accusação, sempre no intuito de evitar que o escandalo recahisse sobre Sylvia e para manter o seu incognito, o coronel mandou recolhel-o á prisão solitaria.

Tantos soffrimentos moraes, tanta injustiça e tantos castigos immerecidos não podiam deixar de abalar o espirito e a saude do pobre Richard, que adoeceu tão gravemente que teve de ser trasferido da prisão para o hospital da corporação

A unica pessôa que se condoeu delle foi Gabrielle, que, ao saber da sua ida para o hospital, apresentou-se ali e, apesar de ser depois da hora regimental das visitas, tanto instou que obteve licença para vel-o. Ao approximar-se do leito onde jazia o seu amado, este delirava e o nome que constantemente pronunciava era o de Sylvia. Gabrielle, como verdadeiro anjo de bondade que era, para alliviar-lhe os soffrimentos, recorreu a uma mentira, dizendo que ella era Sylvia que ahi se encontrava porque o amava.

Conseguiu desta maneira que Richard melhorasse bastante. Emquanto isto se passava junto ao leito do pobre enfermo, Sylvia que nem delle nem do marido cogitava, consolava-se da ausencia do ultimo nos braços do coronel.

Apenas dois mezes eram decorridos, desde que Arnaud partira para combater os rebeldes, quando o coronel recebeu do General Munier, que tambem fazia parte daquella expedição, a noticia de que o capitão Arnaud e um pequeno contigente de forças tiveram a sua retirada cortada e que urgia, portanto, enviar-lhes soccorros. O portador desta noticia era Richard, que ao entrar na sala onde estava o coronel, notou um movimento suspeito e viu uns objectos de uso feminino que reconheceu. Por isto, interpellou o coronel da seguinte maneira: "Tenho razões para suspeitar que Madame Arnaud está escondida aqui. Preciso saber onde ella está!" O coronel não coube em si de espanto pelo arrojo do seu subordinado, mas desejando evitar o escandalo, respondeu: "Admiro a tua coragem, inglez, mas não admitto insolencias!

Podes retirar-te!" A isto, Richard redarguiu: "Isto não faz parte dos regulamentos militares, porque é um assumpto todo pessoal, coronel". Ouvindo isto, Sylvia sahiu do seu esconderijo para pedir ao coronel de procurar meio de assegurar o silencio de Richard.

Para satisfazer os desejos de Sylvia, este promptamente entregou-se á prisão, mas o coronel, comprehendendo que devia existir algum segredo entre os dois, mudou de assumpto, dizendo: "Neste momento precisamos de todos os homens disponiveis, mesmo que sejam insolentes. Aprompte-se para seguir immediatamente para o deserto!"

Depois da retirada de Rchard, Sylvia quiz dar uma satisfação ao coronel e por isso explicou: "Eu o conheci em Londres... embora muito pouco". Mas o coronel, que acabou conhecendo com que qualidade de mulher estava tratando disse-lhe: "Acredito que elle te conhecesse muito pouco, porque é evidente que confiou em ti".

Ao sahir da sala do coronel, um companheiro de armas avisou Richard que uma senhora estava lá fóra e que desejava falar-lhe. Como Richard fizesse menção de interrogar quem era, o soldado accrescentou: "E' a mesma que ia visital-o no hospital". Era Gabrielle que vinha trazer-lhe as despedidas de Sylvia. Em vista do que lhe havia dito o soldado, Richard indagou:

"Quem ia visitar-me no hospital quando eu delirava?" Gabrielle confessou-lhe então que fóra ella e que o enganava daquella maneira afim de alliviar-lhe a afflicção. "Então tudo aquillo era mentira?" disse Richard. "Não, Richard, o que eu disse nessa noite era a expressão da pura verdade, com excepção do nome", respondeu Gabrielle.

As tropas, com o coronel á testa, partiram para soccorrer o capitão Arnaud. Estavam em pleno deserto, quando soprou um terrivel siroco que soterrou sob as areias a maioria dos homens, que desta forma encontraram morte horrivel. Protegido por um dos carros, Richard conseguira manter a cabeça e parte do corpo fóra da areia, tendo ao seu lado o coronel Dustinn, que não fôra tão bem protegido e que teria perecido infallivelmente si logo depois de abrandado o vento medonho, Richard não o desenterrasse. Ao voltar a si, o coronel, que ainda tinha uma pequena provisão de agua, ia matar a séde implacavel que o devorava, quando viu o olhar de supplica de Richard por um pouco do precioso liquido e deu-lhe de beber primeiro.

Depois que saciaram a séde, o coronel, voltando-se para Richard, disse-lhe: "Pelo que vejo, inglez, tu me salvastes a vida". A que Richard respondeu: "Não sabia que era o senhor".

Os poucos sobreviventes desse desastre, pondo a culpa de todas as suas desditas sobre o coronel, amarraram-no e declararam: "Agora tocou a nossa vez. Acabemos com elle e atravessemos a fronteira! Para que perderamos tempo com elle? Precisamos alcançar a fronteira! Elle me fique apodrecendo aqui!" E, dirigindo-se para Richard, accrescentaram: "Queres tu ser o nosso chefe?" ao que elle respondeu: "Com muito pra-

(Termina no proximo numero)

DA HESPANHA

As producções hespanholas "La Hermana San Sulpicio" e "La Condessa Maria", foram exhibidas em Buenos Aires com algum successo.

卐

Frederico deán Sánchez, presidente da Unión Artistica Cinematográfica Española, pediu demissão do cargo que occupava, vindo a substituil-o Florián Rey.

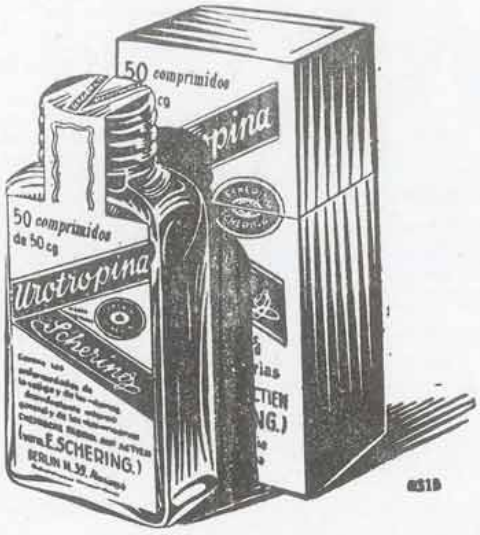
卐

Em 1º de Outubro foi aberta a sessão inaugural do 1º Congresso Hespanhol de Cinematographia, organisado pelo magazine cinematographico "La Pantalla", sob o patronato de S. M. El Rey Don Affonso XIII, realisado no Palacio de Crystal, do Retiro.

卐

Todo o film brasileiro deve ser visto.

O terrivel phantasma da grippe



será para V. S. menos temivel, si se precaver em tempo contra as doenças infecciosas tomando os legitimos "comprimidos Schering de Urotropina". Os medicos de todo o mundo consideram a Urotropina-Schering como excellente desinfectante interno geral, das vias urinarias, intestinaes e biliares. Ajude o seu organismo no continuo combate aos agentes infecciosos. A Urotropina-Schering é efficaz e absolutamente innocua. Insista sempre no acondicionamento original, vidros de 50 comprimidos de 0.5 gr.

Cinemas e Cinematographistas

Consta que o Sr. Benjamin Fineberg representante da Metro-Goldwyn-Mayer vae ser chamado aos Estados Unidos, partindo no "Utah" em companhia do presidente Hoover, para substituir Will Hays no posto de Presidente da Associação de Productores e Empresarios de Cinemas.

DE SÃO PAULO

(FIM)

exhibir a casaca... Mas Jeanne Eagels é dessas da gente mandar plantar batatas. E' muito parecida com Irene Rich mas eu não achei que ella tenha requisito algum. E' loura que não vale um vintem. Foi ella que estragou o film. Mas o final, da scena em que John matta Marc Mac Dermott, para diante, é mal feito. E não é a photographia da vida. Mas John tem uma scena Com Gladys Brockwell, quando esta censura o viver de Jeanne Eagels... Só esta scena vale o film! Eu sou suspeito para falar de John Gilbert. Sou seu admirador incondicional. Neste film elle se mostra innocente. Faz a sua primeira farra. E muita gente achou que aquillo é absurdo. Agora eu pergunto: Greta Garbo, quando nasceu, já olhava daquelle geito e já beijava daquella maneira? Se não agrada, não desagrada, tambem. Eu acho que vocês devem ver o John Gilbert. Elle não usa bigode neste film. Mas eu gosto mais delle embigodado.

FEIRA DE LIVROS

VOLUMES A 1$800

Collecção Nelson

Julio Claretie. .	Le petit Jacques
. About. . . .	Le nez d'un notaire
F. Fabre.	Monsieur Jean
Gyp.	Le mariage de Chiffon
Bordeaux. . . .	L'écran brisé
"	La robe de laire

Pelo correio, registrados, mais 700 rs.

LIVRARIA PIMENTA DE MELLO & C.

Rua Sachet, 34 — Rio de Janeiro

MARINHEIROS EM TERRA

(FIM)

Estamos na hora do embarque dos marujos para bordo. Almiro, indignado com o escandalo armado por Clarisse e pelas declarações horrorosas que fizera, não lhe quer dizer adeus. Ella, porém, toda chorosa, chega-se para elle, explicando:

— Não comprehendes ainda, Almiro, que eu te amo? Não vês que só daquella fórma eu poderia salvar-te do perigo de ficares preso em terra e soffreres depois o castigo quando chegasses a bordo do teu navio!

E depois de ligeira pausa, de profunda troca de olhares:

— Já comprehendo, Clarisse... tu foste boa de mais... E beijam-se.

O ultimo escaler vae zarpar do cáes, conduzindo a ultima leva de marinheiros. Um marujo, a bordo do bote, vendo que Almiro não se pode separar de Clarisse, grita-lhe, fazendo troça:

— Vem dahi, Almirante! Esta sereia ainda te mette em perigo!...

CIGARROS

LOPES SÁ & CIA

Os preferidos em qualquer classe

EXCELLENTE QUALIDADE

CONFECÇÃO ESMERADA

Uma estrella de music-hall, Jane Aubert, estréa no Cinema no film "Possession", a nova producção de Leonce Perret, extrahida da obra de Henry Bataille. Francesca Bertini, a conhecida estrella do Cinema Italiano, está incluida no elenco deste film.

卐

O Cinema vae ter mais uma nova edição de "Romeu e Julieta", a celebre obra de Shakespeare. Marie Bell fará o papel de Julieta. Ha falta de detalhes sobre o assumpto. Isto é na Italia.

卐

Henry Roussell prosegue activamente nos ensaios de "Paris Girls", nos Studios da Cinéromans. A distribuição dos papeis será publicada brevemente, entretanto, desde já sabe-se que estão contractados: J. Marie-Laurent, De Castillo, Ramsay, Norman Selby e Valbret.

卐

Edward Laemmle vae dirigir "The Drake Murder Cose" para a Universal, já se sabe. O film é todo falado...

Greta Garbo diz que tem apenas 23 annos...

卐

"Una mujer española", a producção de Mario Roncoroni, antigo artista do Cinema italiano, vae ser em breve exhibida em Madrid. Carmen Viance é a protagonista.

BELLEZA

Cinearte-Album

luxuosissima publicação com centenas de retratos a côres dos artistas mais notaveis da tela em todos os paizes.

ARTE

ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA

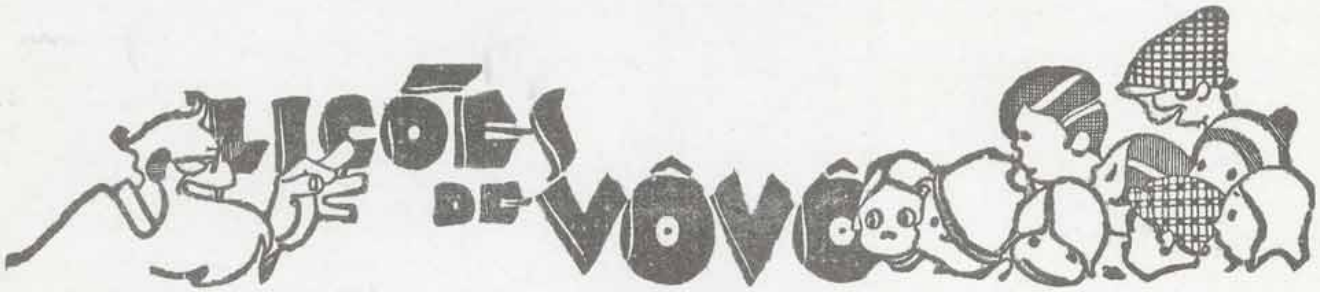
Revista mensal de literatura, arte e alto mundanismo, publicando em cada edição quatro reproducções de télas de pintores consagrados.

(PROPRIEDADE DA SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO")

Redactor-Chefe: Carlos Manhães — Director-Gerente: Antonio A. de Souza e Silva

Assignaturas — Brasil: 1 anno, 25$000; 6 mezes, 13$000 — Estrangeiro: 1 anno, 60$000; 6 mezes, 35$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. TODA A CORRESPONDENCIA, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: Norte, 5402. Escripto rio: Norte: 5818. Annuncios: Norte, 6181. Officinas: Villa, 6247. Succursal em S. Paulo, dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó n. 27, 8º andar. Salas 86 e 87.



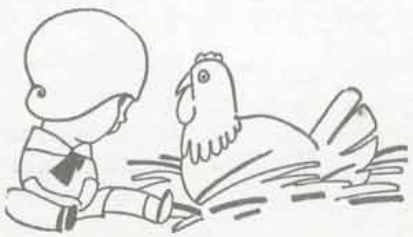
UM LIVRO UTIL PARA VOCÊS

Meus netinhos:

Vôvô hontem teve a felicidade de folhear um livro que é um verdadeiro thesouro para todos vocês. E que lindo livro, meus netinhos, que encanto no colorido de todas as suas paginas, na louvavel preoccupação de seus organisadores, que juntaram, num só volume, toda uma riqueza para as creanças. Vôvô leu as mais lindas historias, os mais bellos contos, os artigos mais interessantes, os versos mais queridos de vocês, no livrinho encantado que recebeu. E, além de todo esse vasto repertorio de cousas que muito contribuirão para o recreio e a cultura das creanças, o livro que Vôvô leu está cheio dos mais interessantes brinquedos de armar, sobresahindo uma estrada de ferro, com trens, estações, tunneis, tudo, emfim, que possa empolgar os meninos.

Esse livro, meus netinhos, é muito conhecido da infancia e todos os annos, na quadra feliz do Natal, costuma apparecer como se fosse um presente do céo para as creanças. E' o Almanach d'O TICO-TICO para 1929, precioso manual para as creanças, que podem e devem adquiril-o em meados de Dezembro, quando será posto á venda.

Essa util publicação annual já foi, por todos que se interessam pela infancia, considerada utilissima, dado o caracter instructivo e moral de todos os seus desenhos e textos. Ainda agora, no maravilhoso exemplar organisado para o anno proximo, não se sabe o que mais admirar em tão precioso album, se a valiosa collectanea de bons e instructivos contos e artigos de sciencia, artes, literatura, ou se a fascinante parte dos brinquedos de armar, movimentados e interessantes, que irão constituir successo sem igual entre os petizes.



Vôvô, que se interessa pela boa leitura das creanças, recommenda a vocês não se esquecerem de adquirir o Almanach d'O TICO-TICO para 1929,

E' uma publicação tão util como necessaria a vocês.

Vôvô

A industria cinematographica na Hespanha está em desenvolvimento. Foi ha pouco fundada em Barcelona a "Sociedad Cinematografica Nacional di Espana", para a qual os "Banco Central" e "Banco Comercial de Barcelona", abriram um credito de 75 milhões de pesetas. Além da producção de films, a Sociedade construirá tambem luxuosas salas de projecção.

卐

Arturo Gallea está terminando a filmagem das ultimas scenas de "La locandiera", adaptação para o Cinema de Luciano Doria, da celebre comedia de Carlo Goldoni. A direcção é de Telemaco Ruggeri e a interpretação de Germina degli Uberti.

卐

O Com. Guazzoni, que ha pouco tempo apresentou o seu film "Myrian", está agora terminando "La Sperduta di Allah", tirado do romance do mesmo nome.

卐

Tambem na Inglaterra, cumprindo a nova lei, os exhibidores são obrigados a exhibir 5% de producções inglezas.

卐

Fritz Lang, o director de "Metropolis" já começou novo film da Ufa que se intititula "A pequena na lua".

Acha-se á Venda

Neil Hamilton trabalha com Colleen Moore em "Why Be Good". O Cinema Americano está sem galans...

Maurice Stiller, o director de "Hotel Imperial" acaba de bater a bota em Stockolmo.

ESCOLA DE CORTE E COSTURA

PARA SENHORAS — Professora Mme. EMILIA BEGHER

Todas as senhoras e senhoritas devem saber cortar e cozer seus vestidos, só assim pódem conseguir vestir-se com elegancia, gastando pouco.

Esta Escola adopta methodo pratico de córte elegante e perfeito, professora com longa pratica e de comprovada competencia, garante ensinar e diplomar em pouco tempo, ficando a alumna conhecedora de todos os segredos dos figurinos.

As alumnas terão a regalia de cozer os seus vestidos, de modo que lhes resulta gratis o ensino, tendo o direito tambem, de fazer dois modelos de chapéos.

Preço do curso completo: 250$000 — Só corte, 150$000. Aulas das 11 ás 17 horas.

Rua Santa Thereza n. 2. — 1º andar, sala 112 (esquina com a Praça da Sé). S. Paulo.

Está á venda o melhor presente de Natal, o ALMANACH D'O TICO-TICO para 1929

Si cada socio enviasse á Radio Sociedade uma proposta de novo consocio, em pouco tempo ella poderia duplicar os serviços que vae prestando aos que vivem no Brasil.

...todos os lares espalhados pelo immenso territorio do Brasil receberão livremente o conforto moral da sciencia e da arte...

RUA DA CARIOCA, 45 — 2º andar

FALA NO TELEPHONE?

ENTÃO PRECISA DE UM EXEMPLAR DO

"O LIVRO VERMELHO DOS TELEPHONES"

Lista não official na qual estão todos os assignantes classificados em quatro secções, a saber: — Nomes — Numeros — Profissões e Ruas, — tendo a mais uma secção de automoveis e outra de Caixas Postaes.

O QUE E' A SECÇÃO RUAS:

COPACABANA (rua)

(Começa na rua Antonio Vieira e termina na rua Francisco Octaviano)

s|n	Chauffeurs, Copacabana e Bolivar	Ipanema	1907
s|n	Light & Power — Est. Cop. ..	Ipanema	0322
s|n	Minist Guerra. 1º Isol. de Arth. Costa Forte Copacabana	Ipanema	1255
1	Sá Freire J. Portinho	Sul	3421
2	Silveira, Orlando, dr.	Sul	1023
4	Magalhães Castro, Sobrinho, dr. r: ..	Sul	0429
12	D'Orey, Luiz Perestrello de A:	Sul	0947
14	Boavista, Alberto Teixeira:	Sul	1034
19	Oberto, Radeyaonda, r:	Sul	3175
24	Barros e Azevedo, José C.:	Sul	2929
26	Mendes, Pereira, José:	Sul	2283
37	João Granado	Sul	2009
45	Lirio de Siqueira, Ernesto, r:	Sul	0741
46	Ferreira, Armando, tte.	Sul	3186
50	Botelho A. Andrade	Sul	1485
51	Torreão, Roxo, dr. r:	Sul	0081
52	Diniz, Henrique, dr.:	Sul	1656
53	Baja Gabaglia, vva.	Sul	2509
58	Sampaio Bahiana Rosita, r:	Sul	2586
60	Hinsch Ida	Sul	1963
61	Castello, Estevão, dr. r:	Sul	0555
62	Bebiano, Affonso A.	Sul	0357
65	Carvalho, Josephina, P. r:	Sul	0425
69	Mourão Antonio Camillo	Sul	1977
71	Barros, Azevedo, Sobrinho, C.	Sul	0853
74	Guimarães, Nicolau;	Sul	1729

RETIRO SAUDOSO (praia do)

(Começa antes da rua General Sampaio e termina nas ruas Retiro Saudoso e Alegria)

s|n	Guarneri, Enrico	Villa
2-A	Comp. Vieiras Mattos, dep.	Villa
36	Silva & C. José da; serr. mad.	Villa
39	Alves Garrido & C.	Villa
46	Irmãos Vivacqua & C.	Villa
81	Pref. do Distr. Federal; Est. Marit. ..	Villa
96	Pereira Carneiro & C., Ltda. — Companhia Com. Navegacão	Villa
129	Hosp. S. Sebastião; secret.	Villa
129	Hos. S. Sebastião, Gab. Direct.	Villa
134	Pref. do Distr. Federal; Ponte 25 de Março	Villa
182	Caneco, Vicente Santos	Villa
189	Café Rio Ave	Villa
207	Caneco & C., A. S.	Villa
219	Carlos Pinto Seidl, dr.	Villa
252	**Crocchi, Gravina, & C., Ltd.**	**Villa**
252	Crocchi, Gravina & C., Ltd (Partic. Socios)	Villa
274	Carmo Mendes & C., estaleiro	Villa

Como vê-se, nesta secção, estão os assignantes classificados pela ordem dos seus respectivos endereços, sendo que as ruas estão na ordem alphabetica.

SECÇÃO AUTOMOVEIS

2465	Ford Ph. José P. Machsend; C. Bomfim 46
2466	Hudson Ph. F. T. L. Wright & Ltda.; Arcos 62
2467	Chrysler Ph. P. Augusto S. P. Junior; S. Lima 100
2468	Essex Ph. P. H. Simon; T. Homem 194
2469	Chevrol Ph. P. Walter Kriby; Th. Regadas 27
2470	Ford Sedan P. Dr. Dulcidio Pereira; S. Clemente 81
2471	Ford Ph. Augusto Sarmento; S. L. Gonzaga 68
2472	Ford Ph. P. Dr. Pedro I. P. Junior; E. Silva 403
2473	Voisin Cab. P. Dr. Sebastião C. Carne; S. Clemente 159
2474	Chevrol Ph. P. A. Noite; Vol. Patria 244
2475	Buick Ph. F. J. F. Rocha; Hadd. Lobo 66
2476	Hudson Ph. P. J. Gabriel Filho; M. Herms; s n
2477	Stud. Ph. F. Manoel dos Reis; Frei Caneca 220
2478	Stud. Ph. F. Manoel B. de Souza; V. Patria 341
2479	Dodge Ph. F. Alvaro Ferrari; Camerino 19
2480	Dodge Cab. P. Edmundo Bragante; S. Corrêa 88
2481	Ford Ph. P. Octavio S. Leite; S. F. Xavier 121
2482	Essex Ph. P. Egydio Piraqua; Av. Pasteur 429
2483	Ford Ph. P. Antonio F. Conceição; P. Frontin 90
2484	Hudson Ph. F. Camillo F. Pinto e outros; G. Polydoro 58
2485	Stud. L. P. Virgilio Vianna; B. Lisbôa 27
2486	Oak. Ph. F. Steinberg & C.; L. do Machado 27
2487	Vauxh. Cab. S. A. Mestre & Blatgé; Av. O. Cruz 73
2488	Dodge Ph. F. W. S. Evill; Senado 222
2489	Oak. Ph. F. José A. Real; Prç. M. Deodoro 126
2490	W. Kinght Ph. P. J. Rocha Pereira; S. Alexandrina 50
2491	Hupm. Ph. F. A. Mercantil B. S. A.; Riachuelo 136
2492	Ford Ph. F. Adonay de S. Carvalho; C. S. Christovão 126
2493	Buick Ph. P. Dr. Nelson Baptista; M. Eugenia 27
2494	Dodge Ph. F. Abilio A. Vieira; Assumpção 128
2495	Ford Ph. P. Salim Calil Naid; J. Hygino 89
2496	Stud. Ph. P. Sebastião Rodrigues; G. Freire 58

Com uma relação de todos os automoveis do Districto Federal pela ordem dos numeros das chapas.

SECÇÃO NUMEROS

NORTE

0001	Vizeu & C. Affonso, fax
0003	**Oliveira, Alvaro G.**
0004	Campos & Cavalcante, comm.
0005	Pareto & C. Carlo, escr.
0006	Mattiy, A. Arthur, carimbos
0007	Alliança Commercial de Anilinas;
0008	Silva, Cassio Pereira, escr.
0009	Cardoso, Joaquim Pinto
0010	Stoltz & C. Herm.; interurbano
0011	Cardoso, Francisco Paiva, fund.
0012	Holum & C., comm.
0013	Oneto, Estevão Luiz, escr.
0014	Hospital Pró-Matre
0015	Cunha &. J. P., calçados
0016	Hime, H. E.
0017	Ferreira & Filhos, Agostinho;
0018	Café Lisbôa-Rio
0019	Comp. America Fabril; contabilid.
0020	Moeda e Credito
0021	Comp. America Fabril; directoria
0022	Escola Orsina da Fonseca
0023	Ferreira Sá, J., abrid. cofres
0024	Falck & C. Ltd., passamanarias
0024	Fabr. Ypu' .
0025	Agenc. Honorio, desp.
0026	Sagres, Com. Seguros; gerencia
0027	Fabr. Moveis Cruzeiro do Sul

Com os assignantes classificaddos pela ordem dos numeros dos respectivos apparelhos, estando as estações na ordem alphabetica.

ACABA DE APPARECER a 3ª edição a venda nas livrarias — Preço 20$000 — Pelo Correio remettendo 22$000 aos editores M. Salaverry & Cia., á Rua Luiz de Camões, 83 — Rio.

O UNICO PÓ DE ARROZ
Em cada caixa um finissimo
"ROUGE"

Assignatura desta data até 31 de Dezembro de 1929 — 40$000.

Pedidos por cheque ou vale postal á S. A. Diario Nacional — Caixa Postal 2963 — São Paulo.

CASA GUIOMAR

CALÇADO "DADO"

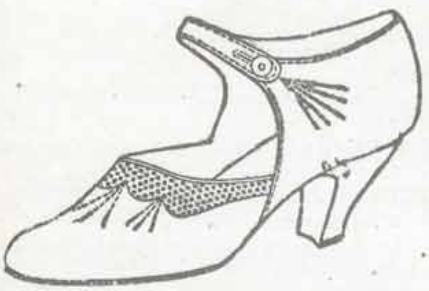
A MAIS BARATEIRA DO BRASIL

AVENIDA PASSOS, 120 — Rio — Telephone Norte 4424

Que é o expoente maximo dos preços minimos

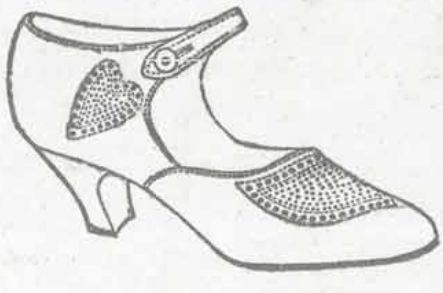
Durante este mez. Vae beneficiar suas Exmas. freguezas apresentando novos modelos, que serão vendidos a preços excepcionaes, para, desta fórma, agradecer a preferencia com que é distinguida.

SAPATOS LUIZ XV FEITOS A MÃO — ALEM DESTES OUTROS MODELOS



35$000 **Lindos sapatos em fino couro naco "Bois de Rose", com vistosa guarnição de fino couro estampado e lindo pesponto, salto cubano alto.**

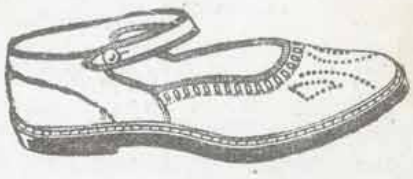
Porte por par, 2$500.



35$000 **Elegantes sapatos em lindo couro naco de côr "Beije", palha ou hortelã, com linda combinação de furos na gaspea, salto cubano médio.**

ULTIMA NOVIDADE

EM ALPERCATAS



Finas e solidas alpercatas de pellica envernizada preta, com lindo florão na gaspea, typo meia pulseira, creação exclusiva da **Casa Guiomar**.

De ns.	17 a 26	8$000
» »	27 a 32	10$000
» »	33 a 40	12$000

O mesmo modelo em fina pellica envernizada côr de trilha, toda forrada e tambem com florão.

De ns.	17 a 26	10$000
» »	27 a 32	11$000
» »	33 a 40	13$000

Pelo Correio mais 1$500 por par.

Remettem-se catalogos illustrados a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

A MAIOR EMPREZA EDITORA DO BRASIL

GRANDE PREMIO NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO EM 1922

Capital realisado Rs. 2.000:000$000

SÉDE NO RIO DE JANEIRO — RUA DO OUVIDOR, 164 — TELEPHONES { GERENCIA: NORTE 5402 / ESCRIPTORIO: „ 5818 / ANNUNCIOS: „ 6131

Endereço Telegraphico: OMALHO-RIO

Redacção e officinas: RUA VISCONDE DE ITAUNA, 419 — Telephone Villa 6247

Succursal em S. Paulo: — Rua Senador Feijó nº 27 — 8º andar, salas 86 e 87

TELEPHONE CENTRAL 5949

EDITORA DAS SEGUINTES PUBLICAÇÕES:

"O MALHO" — SEMANARIO POLITICO ILLUSTRADO

"O TICO-TICO" — SEMANARIO DAS CREANÇAS

"PARA TODOS..." — SEMANARIO ILLUSTRADO, MUNDANO

"CINEARTE" — REVISTA EXCLUSIVAMENTE CINEMATOGRAPHICA

"ILLUSTRAÇÃO BRASILEIRA" — MENSARIO ILLUSTRADO do GRANDE FORMATO

"LEITURA PARA TODOS" — MAGAZINE MENSAL

"ALMANACH DO MALHO" .....
"ALMANACH DO TICO-TICO" ....
"CINEARTE - ALBUM" ..... } ANNUARIOS

LENDO O SEMANARIO

"PARA TODOS"...

acompanhareis a vida elegante e intéllectual do Rio, de São Paulo e de todos os grandas centros brasileiros. Constantes informações illustradas das capitaes européas.

ASSIGNATURAS

12 mezes.... ..... 48$000
6 mezes..... 25$000

Pedidos á

AS CREANÇAS PREFEREM

"O TICO-TICO"

a qualquer outra publicação nacional. E os paes devem aproveitar esta preferencia dos filhos, que com ella se EDUCAM, INSTRUEM E DIVERTEM.

Concursos com premios uteis em todos os numeros.

ASSIGNATURAS

6 mezes..... 13$000
12 mezes..... 25$000

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

Rua do Ouvidor, 164 -- Rio de Janeiro -- Caixa postal, 880

BIOTONICO FONTOURA

PARA COMBATER:
ANEMIA, FRAQUEZA MUSCULAR, FRAQUEZA NERVOSA, SEXUAL E PULMONAR, NEURASTHENIA, DEPRESSÃO DE SYSTEMA NERVOSO, RACHITISMO, DEBILIDADE GERAL
E' INDICADO O

BIOTONICO FONTOURA

PORQUE O BIOTONICO

REGENERA O SANGUE determinando o augmento dos globulos sanguineos.

TONIFICA OS MUSCULOS fornecendo ao organismo maior resistencia.

FORTALECE OS NERVOS corrigindo as alterações do systema nervoso.

LEVANTA AS FORÇAS combatendo a depressão e a fraqueza organica.

MELHORA A DIGESTÃO auxiliando o funccionamento dos orgãos digestivos.

PRODUZ ENERGIA, FORÇA e VIGOR que são os attributos da SAUDE.

O mais completo Fortificante

OFFICINAS GRAPHICAS D'O MALHO